

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Sandra Ritiele Espíndola Fernandes Guimarães

**MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL:
Estudo de caso em Instituições Públicas de Ensino
Superior Tecnológico**

Taubaté – SP

2015

Sandra Ritiele Espíndola Fernandes Guimarães

**MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL:
Estudo de caso em Instituições Públicas de Ensino
Superior Tecnológico**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre em Gestão e Desenvolvimento Regional do Programa de Pós-Graduação em Administração do Departamento de Economia, Contabilidade e Administração da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Planejamento e Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Prof^a Dr^a Adriana Leonidas de Oliveira

Taubaté – SP

2015

SANDRA RITIELE ESPÍNDOLA FERNANDES GUIMARÃES

**MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL:
Estudo de caso em Instituições Públicas de Ensino Superior Tecnológico**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre em Gestão e Desenvolvimento Regional do Programa de Pós-Graduação em Administração do Departamento de Economia, Contabilidade e Administração da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Planejamento e Desenvolvimento Regional

Orientadora: Prof^a Dr^a Adriana Leonidas de Oliveira

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Adriana Leônidas de Oliveira

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof^a. Dr^a. Nancy Julieta Inocente

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof^a. Dr^a. Benedita Hirene de França Heringer

Fatec Prof. Waldomiro May

Assinatura _____

*“Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente*

*Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A ausência de ter um fim,
E a ânsia de o conseguir!*

*Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu.”*

Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

De acordo com o dicionário Aurélio on-line, *Obrigado* significa: “Agradecimento. Que se sente devedor por ter sido alvo de uma atenção ou de um favor. Cativado por finezas”.

Cativado por finezas! Cativado!

É essa a palavra que estava procurando para agradecer, agradeço por ter sido cativada, cultivada.

Obrigada, então, àqueles que me cativaram e me cultivaram...

No início de tudo era sonho... E fui cultivada com carinho, amor, dedicação e brilho nos olhos, dia a dia, Maria e Osmar me cultivaram.

Então, veio mais à frente uma certa Dona Ilza e me trouxe para a realização, com doçura e poesia!

Então, veio Severino e Kátia, sabedoria, carinho, alma e oportunidades... e os caminhos se cruzariam diversas vezes.

Assim, na trilha percorrida, surge “aquele rapaz” de lindo sorriso e me cativa e me cultiva, Alessandro... Então mergulhei no seu olhar.

Todo o caminho precisa de auxílio; Dona Sandra, mesmo nome, ajuda, firmeza, atenção e então estou eu cativada!

Então, surgem Deborah, José Manoel e Célia e mais uma vez sou cativada... Cultivada com crescimento, oportunidades, carinho, amizade, reconhecimento e desafios.

No caminho percorrido, como se não bastasse ser cultivada, precisava aprender a cultivar; Lucas e Leonardo, os cultivo e eles me cativam e isso sim é para sempre, amor!

Assim, cativando e sendo cativada, cultivando e sendo cultivada, chega a Hirene direcionando e desafiando e eu crescendo e me humanizando.

E vem o mestrado e com ele a Professora Adriana, paciência, simpatia, competência e direção e sempre o rosto com um sorriso pronto para cativar.

Mestrado, Nathália, conversas, conselhos, desabafos, risadas, muitas e tudo passou mais fácil!

E assim o caminho vai seguindo cativando, mas sendo mais cativada e buscando cultivar pessoas, corações, sentimentos, conhecimento, aprendizado e Deus sempre no coração.

Meus amigos, sabem amigos, vocês? Obrigada, por me cativar!

Agradeço muito:

A todos que participaram desta dissertação, os professores das instituições estudadas, que dedicaram o seu tempo a me conceder entrevista, muito obrigada!

Alunos e ex-alunos que participaram da pesquisa, dando vida ao tema pesquisado.

Aos professores das bancas de seminários, por todas as considerações e sugestões.

Ao amigo Pedro Otávio, que com muito carinho e competência criou a marca para o projeto de intervenção – FATECMOB.

Ao amigo professor João Ultramari, que gentilmente leu o trabalho e o revisou, bem como revisou também o abstract.

A amiga professora Luciana Russi que também carinhosamente e com todo seu conhecimento revisou detalhadamente o trabalho.

Os nomes aqui mencionados trazem consigo outros tantos nomes, outros tantos significados, eles representam momentos que me direcionaram até a conclusão deste objetivo: Mestrado.

Então, agora sigo o meu caminho aprendendo a cultivar e cativar, mas sempre dando uma olhadinha para trás e agradecendo a todos que passaram, que se foram e aqueles que ficaram, obrigada, me sinto cativada!

RESUMO

A presente pesquisa aborda o processo de mobilidade acadêmica internacional no ensino superior público tecnológico e visa analisar a experiência de mobilidade internacional de alunos participantes dos processos e o papel da Instituição na construção dessa experiência. O estudo se faz relevante devido ao fato de a mobilidade internacional ser uma realidade nova para muitas instituições e para muitos alunos. Foi realizada uma pesquisa de estudo de caso, com uma abordagem qualitativa em duas Instituições Públicas de Ensino Superior Tecnológico, no Vale do Paraíba, situadas nas cidades de Guaratinguetá e Cruzeiro, estado de São Paulo. A amostra foi composta por oito alunos que passaram pela experiência de mobilidade acadêmica internacional e também dois gestores institucionais envolvidos com os processos de mobilidade acadêmica. A técnica de entrevista semiestruturada foi utilizada para coleta de dados e estes foram analisados qualitativamente por meio de ferramentas do método de análise de conteúdo. Os resultados revelam que há um crescimento da busca por processos de mobilidade acadêmica internacional tanto pelas instituições quanto pelos alunos. Observaram-se alguns desafios, como infraestrutura institucional e a falta de equipe com dedicação exclusiva ao desenvolvimento desses processos. Considera-se que os benefícios da mobilidade acadêmica internacional para alunos e instituições são relevantes para o desenvolvimento de ambos e da região em que estão inseridos.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional. Mobilidade Acadêmica Internacional. Ensino Superior.

ABSTRACT

ACADEMIC MOBILITY INTERNATIONAL: CASE STUDY IN PUBLIC INSTITUTIONS OF HIGHER EDUCATION TECHNOLOGY

This research is focused on international academic mobility process in higher technological public education and analyzes the international mobility experience of students participating processes and the role of the institution in the construction this experience. The study is relevant because international mobility is a relatively new situation for many institutions and for many students. A case study research was conducted with a qualitative approach in two Public Institutions of Higher Education Technology in the Paraíba Valley, located in the cities of Guaratinguetá and Cruzeiro in the state of São Paulo. The sample consisted of eight students who went through the international academic mobility experience as well as two institutional managers involved with the academic mobility processes. It was used as a tool to collect data, semi-structured interviews. The data analysis method used was qualitative content analysis applied to interviews. The results show that there is a growing search for international academic mobility processes both by institutions and by the students. It was observed some challenges such as institutional infrastructure and the lack of staff dedicated exclusively to the development of these processes. It is considered that the benefits of international academic mobility for students and institutions are relevant to the development of both and of the region and where they live.

Keywords: Regional Development. International Academic Mobility. Higher Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Períodos e motivações da mobilidade acadêmica no Brasil.....	29
Quadro 2 – Caracterização da mobilidade acadêmica internacional dos alunos entrevistados	73
Quadro 3 – Caracterização da amostra alunos entrevistados	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Categoria 1 – Internacionalização – Instituições de Ensino Superior.....	56
Figura 2 – Categoria 2 – Processo de mobilidade acadêmica internacional.....	61
Figura 3 – Categoria 3 – Desafios em Mobilidade Acadêmica Internacional.....	65
Figura 4 – Categoria 4 – Benefícios da Mobilidade Acadêmica Internacional – Visão do gestor.....	69
Figura 5 – Categoria 1 – Avaliação das Experiências e Impressões.....	75
Figura 6 – Categoria 2 – Dificuldades.....	81
Figura 7 – Categoria 3 – Benefícios.....	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição das bolsas implementadas por modalidade 45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Problema	14
1.2 Objetivos.....	14
1.2.1 Objetivo geral.....	14
1.2.2 Objetivos específicos	15
1.3 Delimitação do estudo	15
1.4 Relevância do estudo	15
1.5 Organização da dissertação	17
2 REVISÃO DA LITERATURA	19
2.1 Ensino superior e desenvolvimento regional	19
2.2 A mobilidade acadêmica internacional	26
2.3 A mobilidade acadêmica internacional e seus impactos na vida profissional	38
2.4 O Ensino Superior Tecnológico	41
2.5 Os programas de mobilidade acadêmica nas instituições de Ensino Superior Tecnológico	44
3 MÉTODO	49
3.1 Tipo de pesquisa	49
3.2 Área de realização: A unidade caso	50
3.3 População e amostra	51
3.3.1 Dados da Amostra	51
3.4 Instrumentos de coleta de dados	52
3.5 Procedimento para coleta de dados	53
3.6 Procedimento para análise de dados	53
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	56
4.1 Análise das entrevistas com gestores	56
4.2 Análise das entrevistas com alunos.....	71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91

REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE A – Roteiro para entrevista – Gestor	105
APÊNDICE B – Roteiro para entrevista – Aluno	106
ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido para instituição	107
ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido para instituição	108
ANEXO C – Termo de consentimento livre e esclarecido para participantes acima de 18 anos	109
ANEXO D – Parecer consubstanciado do CEP	111

1 INTRODUÇÃO

Com a criação das primeiras escolas europeias, na Idade Média, surge a mobilidade acadêmica internacional. As escolas, chamadas de *Universitas*, tinham em seu quadro professores e estudantes de diferentes regiões e países, bem como comunidades internacionais que se reuniam em busca do conhecimento (STALLIVIERI, 2004). Atualmente a mobilidade acadêmica aparece no contexto da Educação Superior e cresce nos últimos anos motivada pela aproximação entre os países e entre as culturas. Torna-se mais uma estratégia adotada pelas Instituições como contribuição na formação do cidadão mundial.

Às instituições de ensino superior, cabe o papel de formar cidadãos que serão atores ativos no desenvolvimento do país, além da responsabilidade de funções como pesquisa, inovação, ensino, formação e cooperação internacional. Muitas instituições buscam a inserção de seus alunos, repensando seu papel no contexto global, nesse novo contexto de ensino superior, momento em que fronteiras significam apenas delimitações geográficas.

No Brasil, embora ainda em fase inicial, tem-se acentuado a internacionalização do ensino superior, na busca por proporcionar a seus alunos, professores e gestores uma experiência no exterior. Muitas famílias buscam proporcionar aos seus filhos a experiência internacional, assim como profissionais de diversas áreas vão ao exterior em busca de conhecimento/ formação e atualização profissional. Espera-se que, após uma estadia no exterior, o indivíduo retorne munido de ferramentas profissionais, acadêmicas e pessoais, suficientes para ter uma carreira de sucesso no país de origem e contribuir para o seu desenvolvimento.

Para contextualizar o tema, o referencial teórico aborda o ensino superior e o seu papel no desenvolvimento do país e da região, o histórico da mobilidade acadêmica internacional, assim como o impacto da experiência na vida profissional dos indivíduos. Ainda no referencial teórico, contextualiza-se o ensino superior tecnológico e caracterizam-se os processos de mobilidade acadêmica internacional nas instituições pesquisadas. Como unidades de análise foram estudadas duas

Instituições Públicas de Ensino Superior, no Vale do Paraíba, nas cidades de Guaratinguetá e Cruzeiro. Foram entrevistados oito alunos que participaram do processo de mobilidade acadêmica em ambas as instituições e dois gestores institucionais envolvidos com os processos. Para análise dos dados obtidos foram utilizadas técnicas qualitativas do método de análise de conteúdo.

O tema mobilidade acadêmica internacional ainda é novo no contexto de muitas Instituições de Ensino Superior, sendo assim, se torna relevante a discussão sobre suas contribuições para os alunos e também sobre o papel da Instituição na construção dessa experiência.

1.1 PROBLEMA

- 1) Quais são os contributos da mobilidade internacional para os estudantes?
- 2) Como a Instituição de Ensino Superior atua nesse processo de mobilidade acadêmica internacional?

1.1.1 OBJETIVOS

1.1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar e discutir a experiência de mobilidade internacional de alunos do Ensino Superior Público Tecnológico e o papel da Instituição na construção dessa experiência.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar ações e desafios institucionais para preparação e acompanhamento do aluno em sua experiência internacional;
- Compreender quais motivações, expectativas, benefícios e dificuldades para o aluno ao participar dessa experiência;
- Identificar ações que a instituição considera relevantes para aprimorar sua atuação em programas de mobilidade internacional.

1.2 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Foi estudada a mobilidade acadêmica internacional em duas Instituições Públicas de Ensino Superior Tecnológico, no Vale do Paraíba, nas cidades de Guaratinguetá e Cruzeiro, no período de maio de 2014 a novembro de 2014.

1.3 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Castro e Cabral Neto (2012) afirmam que, embora a mobilidade estudantil não seja um fenômeno recente, o processo de globalização e as atuais estratégias de internacionalização do ensino superior fazem com que a mobilidade se torne contemporânea. Ainda de acordo com os autores, a mobilidade não envolve apenas o deslocamento de alunos; ela é muito mais ampla, pois é social e envolve estruturas, meios, culturas e significados.

Estudar mobilidade acadêmica internacional em instituições públicas de ensino superior se faz relevante por ser uma situação relativamente nova para muitas instituições e para muitos alunos. Portanto, se faz necessária uma reflexão

sobre os contributos para os alunos e sobre o posicionamento da instituição de ensino nesta experiência.

O direcionamento de estudantes para cursos no exterior é uma realidade cada vez mais presente nas instituições de ensino superior, como afirma Stallivieri (2004). Segundo a autora, essas instituições estão desenvolvendo fortes alianças na promoção da mobilidade acadêmica internacional, como forma de avançar em direção à sociedade global do conhecimento. A autora afirma ainda, que oferecer aos alunos a oportunidade de experiências internacionais visando torná-los mais competitivos no mercado global faz parte do papel dessas instituições. Tais aspectos reafirmam a relevância de conhecer e entender a participação de alunos e instituições em processos de mobilidade acadêmica internacional.

Segundo Guimarães, Tadeucci e Oliveira (2013), o foco dos estudos no ensino superior se fez relevante, devido à grande influência que este tem na formação de atores sociais responsáveis pelo desenvolvimento da nação.

A mobilidade acadêmica está inserida atualmente em um contexto, em que a inovação e o conhecimento são utilizados como estratégia de desenvolvimento pelo governo e pelas empresas. De acordo com Rolim e Serra (2009), a moderna concepção considera que as regiões com maior possibilidade de crescimento são aquelas que conseguem congregiar em seu projeto político de desenvolvimento a utilização do conjunto de conhecimentos existentes. Os autores destacam ainda que o processo de aprendizado está intimamente ligado ao processo de inovação, que é o seu ponto de partida. Defendem que o aprendizado significa uma mudança na capacitação de uma pessoa ou de uma organização. A experiência acadêmica internacional está presente na construção dessa aprendizagem que vai muito além do acúmulo de informações, significando a interação entre o que se sabe e a vivência de novas experiências que agreguem conhecimento, crescimento profissional e pessoal ao indivíduo.

Como ressalta Silva (2011), a educação eleva o nível de desenvolvimento cognitivo e a competência técnica dos indivíduos e esse fato se relaciona diretamente com o nível de escolaridade e capacidade produtiva da pessoa.

Por meio da educação, aprendizado e especialização, as pessoas podem tornar-se muito mais produtivas ao longo do tempo e isso contribui enormemente para o processo de expansão econômica.

Corroborando essa linha de pensamento, Stallivieri (2004) vê a universidade como espaço gerador de conhecimento, universo cultural, que contribui para o avanço tecnológico, para a evolução dos meios de comunicação e com isso a aproximação dos povos, proporcionando o acesso rápido e direto a acontecimentos em lugares mais longínquos do globo, estimulando assim um acelerado processo de internacionalização nas universidades.

A mobilidade acadêmica se traduz na lente que amplia os limites da visão acadêmica, proporcionando a interação, o convívio e a troca de experiências entre as diversas culturas. A internacionalização do ensino superior vai além dos processos de intercâmbio, revela-se um processo maior, mais complexo e ainda em fase de expansão e aprimoramento no Brasil. A integração necessária ao processo não se restringe apenas à integração cultural, mas é necessário acionar todos os setores para que o processo aconteça de forma eficaz.

Conforme Lancrin (2006), são muitas oportunidades obtidas quando o ensino superior ultrapassa suas fronteiras: oportunidades econômicas, culturais e políticas. O autor afirma ainda que, para beneficiar-se dessas vantagens, os países precisam definir uma abordagem direcionada aos seus objetivos e isso deve ser feito considerando-se além do campo do ensino, as políticas econômicas e sociais.

1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação organiza-se de maneira a apresentar inicialmente a questão-problema sobre os reais contributos da mobilidade acadêmica internacional para os estudantes e como a instituição de ensino superior atua nesse processo. Em seguida, apresenta-se o objetivo da pesquisa na busca por responder o problema apresentado: analisar e discutir a experiência de mobilidade internacional de alunos do Ensino Superior Público e o papel da Instituição na construção dessa experiência.

Como recorte para a pesquisa, foram estudadas instituições públicas de ensino superior. Logo após, ressalta-se a relevância da proposta de estudo,

destacando pontos importantes para o desenvolvimento da pesquisa como o fato de a mobilidade acadêmica ainda ser uma situação relativamente nova para as instituições. Para o embasamento do estudo no Capítulo 2 - Revisão da literatura, apresentam-se alguns dos principais autores e dados informativos sobre ensino superior e a crescente participação da mobilidade acadêmica internacional em seu contexto.

No Capítulo 3, apresenta-se o método da pesquisa. A seguir, no Capítulo 4 os resultados são analisados e discutidos. Encerrando-se a dissertação com as considerações finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Desde o nascimento das instituições de ensino superior no Brasil, a característica internacional esteve presente. Com o advento da globalização e o estreitamento das relações internacionais a mobilidade acadêmica foi crescendo e está estruturando-se, exigindo do governo e das instituições de ensino uma nova forma de atuar frente a essa realidade.

Abordar mobilidade acadêmica nos dias atuais é discorrer sobre temas como interculturalidade, valorização do capital intelectual, cooperação internacional, revolução da tecnologia e da comunicação, estreitamento de fronteiras. Inserir esse tema no contexto do Ensino Superior no Brasil é tratar de desafios como a capacitação de profissionais, estruturação das instituições de ensino, apoio do governo e das empresas.

A mobilidade acadêmica cresce nos últimos anos motivada pela aproximação entre os países e entre as culturas, tornando-se mais uma estratégia adotada pelas Instituições como contribuição na formação desse cidadão mundial.

Assim que a educação superior começou a se instaurar no Brasil, também se iniciaram os processos de internacionalização das Universidades, o que significava derrubar as fronteiras do conhecimento, processo que trazia prestígio e era extremamente valorizado pelos poucos que tinham acesso ao Ensino Superior na época.

2.1 ENSINO SUPERIOR E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Foi após as duas guerras mundiais que segundo Vieira (2010), o conceito de desenvolvimento começou a despertar maior interesse dos economistas e historiadores, pois se iniciou um intenso processo de industrialização nos países subdesenvolvidos. Ainda, segundo o autor, surgiram também as críticas ao modelo

“primário-exportador” e o crescimento do modelo de desenvolvimento baseado na industrialização.

Santos *et al.* (2012) ressaltam que, a partir da década de 1940, é que o conceito passa a se tornar objeto de pesquisas científicas, utilizado para descrever e promover o desenvolvimento dentro de um contexto de uma sociedade industrial, especificamente urbana, e que possui riquezas adquiridas por meio do acúmulo monetário.

Os termos desenvolvimento econômico e crescimento econômico, utilizados constantemente pela mídia e na área política, muitas vezes são empregados como sinônimos, mas cabe ressaltar a diferença entre suas definições.

O crescimento econômico é o aumento da capacidade produtiva da economia, definido basicamente pelo índice Produto Nacional Bruto (PNB). O PNB “é o valor agregado de todos os bens e serviços resultantes da mobilização de recursos nacionais, independente do território econômico em que esses recursos foram produzidos” (SANDRONI, 1999, p. 475).

O crescimento da força de trabalho a produção de bens e serviços de determinado país caracterizam seu crescimento econômico. Já desenvolvimento econômico, de acordo com o mesmo autor é o crescimento econômico acompanhado pela melhoria na qualidade de vida da população.

Embora exista uma semelhança de significados entre crescimento e desenvolvimento econômico, “crescer pode ser melhor quantificado enquanto desenvolver envolve conceitos mais subjetivos da vida humana, mais difíceis de quantificar” (VIEIRA, 2010, p.2). Analisando os conceitos, percebe-se que o crescimento econômico é fator determinante para o desenvolvimento, pois impacta diretamente na vida das pessoas; dessa forma um conceito complementa o outro.

O desenvolvimento econômico tem sido fonte de debates mundiais, considerando-se dentre muitos aspectos o avanço tecnológico e os conceitos de sustentabilidade.

Muitos autores abordam o desenvolvimento sob diversos focos, para Sen (2000), ele pode ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam; o que, de acordo com o autor, difere de outras visões que identificam desenvolvimento como o crescimento do Produto Nacional Bruto (PNB), o qual para ele não deixa de ser importante.

O progresso tecnológico ou modernização social podem contribuir para expandir a liberdade humana, mas ela depende também de outras influências. Sen (2000) demonstra em seu texto, que o desenvolvimento requer que se removam as principais fontes de privação de liberdade, que são a pobreza, a tirania, a carência de oportunidades econômicas e a negligência dos serviços públicos.

Santos *et al.* (2012) apontam que a preocupação com o desenvolvimento surge na ciência econômica, quando vários autores como Adam Smith e Thomas Malthus, dentre outros, apresentam o conceito como um fenômeno importante para consolidação do sistema capitalista.

“O crescimento é condição necessária, mas não suficiente, para o desenvolvimento pleno propriamente dito” (KUGELMAS, 2007, p. 8).

Segundo Sen (2000), embora a prosperidade econômica influencie na vida das pessoas tornando-a mais gratificante, o mesmo se pode dizer sobre educação, saúde, melhores serviços. Esses aspectos, ainda segundo autor, devem ser considerados altamente desenvolvimentistas, pois auxiliam a ter uma vida mais longa, mais livre e mais proveitosa, em conjunto com o papel desempenhado no aumento da produtividade, do crescimento econômico e das rendas individuais.

Oliveira (2002) reflete sobre o desenvolvimento e afirma que é preciso um novo cenário que favoreça a população como um todo e não apenas parte dela, ou pequenos grupos sociais. Ele defende ainda que é necessário pensar em uma economia social, que se direcione em favor da melhoria dos indicadores de qualidade de vida. E qualidade de vida para todos significa uma economia mais justa, com um governo mais justo, a democratização do ensino de qualidade e a oportunidade de desenvolvimento profissional.

O Ensino Superior é parte determinante do desenvolvimento de qualquer nação, é o instrumento que conduz o conhecimento científico e a experiência cultural pela humanidade. É geralmente no ensino superior que os jovens escolhem sua trajetória e entram no mundo adulto com diversas responsabilidades e iniciam seu papel no mercado de trabalho. A graduação também reflete os anseios, as esperanças e os planos de desenvolvimento profissional de desempregados e profissionais já atuantes, que não tiveram a oportunidade e a motivação de cursar o ensino superior no início da juventude.

De acordo com o Relatório para UNESCO, *United Nations Educational Scientific and Cultural Organization*, da Comissão Internacional sobre Educação para

o século XXI (2006), o ensino superior é um dos pólos da educação ao longo de toda vida. São as universidades que absorvem toda a responsabilidade de funções como pesquisa, inovação, ensino, formação e cooperação internacional. Além de formar dirigentes, intelectuais, políticos, diretores e professores, formadores de opinião, pessoas que cuidarão e influenciarão diretamente no processo evolutivo do país.

De acordo com o Relatório para UNESCO (2006), a atividade de educação e formação tornou-se um dos motores principais do desenvolvimento, pois contribui para o progresso científico e tecnológico, para o avanço geral dos conhecimentos, que constituem fator decisivo do crescimento econômico.

Algumas discussões atuais que são apresentadas nas conferências mundiais da UNESCO sobre o ensino superior, de acordo com Borges e Aquino (2013), são: a crescente valorização do capital intelectual; a revolução da informação e dos meios de comunicação; a busca pela criação e manutenção do entendimento entre os povos; o desenvolvimento do espírito de solidariedade com países menos favorecidos. Essas discussões levam as Instituições de Ensino Superior à buscarem uma nova formatação para suas estratégias de educação; e a se preocuparem com a formação de um aluno apto a interagir globalmente e criticamente com o mundo a sua volta também é fator de grande preocupação.

Como o progresso técnico avança muito mais rápido do que se pode reagir a ele, incentivar os jovens a buscar soluções a ponto de acompanhar esse progresso contribui para o desenvolvimento crescente da sociedade.

A Instituição de Ensino Superior recebe a missão de preparar esse profissional nos moldes atuais em que a tecnologia e o desenvolvimento humano precisam estar alinhados em prol de um objetivo comum, que é o crescimento do país em todos os sentidos.

[...] verifica-se que se dá uma importância cada vez maior aos investimentos ditos imateriais, como a formação, à medida que a “revolução da inteligência” produz os seus efeitos. A formação permanente de mão-de-obra adquire, então, a dimensão de um investimento estratégico que implica a mobilização de vários tipos de atores: além dos sistemas educativos, formadores privados, empregadores e representantes dos trabalhadores estão convocados de modo especial (UNESCO, 2006, p. 71).

De acordo com publicação da OECD - *Organization for Economic Co-operation and Development* (2011), as instituições de ensino superior podem contribuir para o desenvolvimento do capital humano em suas regiões de diferentes maneiras dentre elas:

- Atraindo talentos para região, incluindo estudantes, corpo docente altamente qualificado e pesquisadores;
- Produzindo graduados com conhecimentos e habilidades relevantes para a economia da região;
- Contribuindo para o desenvolvimento de uma economia que vai empregar, reter e atrair graduados.

A OECD (2012) afirma ainda que o custo com educação superior ainda é alto para os governos, mas que é inegável o seu retorno para as pessoas mesmo que em longo prazo. Os adultos com idade entre 25 a 64 anos tiveram uma renda 157% superior às pessoas com ensino médio completo em 2011.

No entanto, de acordo com o Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (2006), o ensino superior está em crise em grande parte do mundo. Os estabelecimentos são pressionados a fornecer maior número de vagas, houve um aumento efetivo do número de instituições com sistemas de ensino e cursos dos mais variados, tudo para atender às exigências específicas do mercado de trabalho.

Ainda considerando o Relatório, os países em desenvolvimento enfrentam, além do alto custo do ensino superior, o desemprego e o êxodo dos diplomados. O desafio é resgatar as missões do ensino superior, que reúnem funções tradicionais como a transmissão do saber, o incentivo ao questionamento crítico, à inovação e formação humana permanente. A educação superior torna-se um dos pontos determinantes de incentivo ao desenvolvimento, pois promove constantemente a qualificação e o crescimento científico do país.

Resgatar as missões do ensino superior e inseri-las no contexto global se tornou foco estratégico de muitas organizações de ensino por meio do oferecimento aos alunos a oportunidade de vivenciar culturas estrangeiras e se inserirem no mundo da pesquisa. De acordo com Mazza (2009), a experiência internacional vem apresentando-se como componente importante para a análise dos sistemas nacionais de educação, para as estratégias familiares de diferenciação no mercado de diplomas e também na formação de setores profissionais.

De acordo com Ferrer (2012), a consciência dos problemas existentes e a vontade de superá-los estão impulsionando o desenvolvimento de programas de cooperação, alguns deles surgindo por iniciativa dos governos, enquanto outros se originam nas próprias universidades, tudo para responder aos desafios enfrentados e contribuir para o desenvolvimento futuro dos países.

A união entre países industrializados e em desenvolvimento, com o objetivo de levantar possíveis soluções para os problemas globais, tornou-se fator de atenção das universidades; uma atitude que pode amenizar os problemas como o êxodo de pesquisadores e o número de diplomados desempregados.

Muitas instituições parecem estar repensando o seu papel no contexto global, um papel integrador e desafiador: preparar cidadãos para um mundo interligado e interdependente. Segundo Stallivieri (2004), a internacionalização das instituições de ensino superior, por meio das diferentes formas de cooperação, tem sido gatilho para melhoria da qualidade do ensino e da pesquisa que, unidos, criam condições para o desenvolvimento dos países e para o incremento da qualidade de vida das populações.

O termo *cooperação* ou *colaboração* evoluiu desde a Segunda Guerra Mundial, e passou a substituir a palavra *aliança*, mais usada para descrever as formas de parcerias estabelecidas inicialmente. Como a própria palavra diz, *cooperação* significa *co-operar*, ou seja, operar em conjunto, ou ainda, a ação de trabalhar conjuntamente com outros (STALLIVIERI, 2004, p.25).

Independente da integração econômica, se percebe o papel integrador e de aproximação entre povos e nações, que a cooperação internacional entre instituições de ensino superior proporciona mundialmente. Muito mais que discussões políticas, econômicas, parcerias de mercado, almeja-se a cooperação baseada na solidariedade, no desenvolvimento de uma cultura focada na troca de conhecimentos, vivências e experiências que sejam responsáveis pelo crescimento dos países em desenvolvimento.

No Brasil, embora ainda em fase inicial, tem-se acentuado a internacionalização do ensino superior, as instituições buscam proporcionar a seus

alunos, professores e gestores uma experiência no exterior, o que segundo Stallivieri (2004), faz com que a instituição abra suas portas para se tornar conhecida, apreciada e respeitada, conquistando seu espaço diante dos panoramas nacional e internacional.

Entretanto alguns pontos merecem destaque nesse assunto, o reconhecimento dos estudos realizados no exterior, no retorno do estudante à sua instituição de origem e a adaptação dos currículos visando a flexibilização dos conteúdos para que esse reconhecimento seja possível. São questões que ainda podem representar desafios para algumas instituições.

“A universidade, como santuário de desenvolvimento da pesquisa e da produção do conhecimento científico, tem a vocação de ser internacional, pois o conhecimento não tem nacionalidade” (STALLIVIERI, 2004, p. 40), destacando a frase de Stallivieri (2004 p.40), “o conhecimento não tem nacionalidade” ressalta-se que a crescente busca por conhecimento ultrapassa fronteiras e o país que mais valoriza essa competência consegue atrair e reter pesquisadores e estudantes detentores desse conhecimento.

A internacionalização é o processo de inserção da dimensão internacional na cultura, estratégia, missão, visão e valores das instituições, é quando essas organizações abrem suas portas para mundo e se propõem a receber e doar conhecimento em prol de um bem maior que é o desenvolvimento de sua região, de seu país.

É fato que a globalização citada por diversos autores, a exemplo de Rolim e Serra (2009) e Mazza (2009), como a grande causadora de mudanças traçou um novo mapa econômico para o mundo, os problemas não podem ser resolvidos da mesma maneira, cada país tem formas específicas de promover seu desenvolvimento. É nesse sentido que a mobilidade acadêmica proporciona ao jovem a preparação para conhecer as diversas maneiras encontradas para solucionar problemas e como essa experiência poderá ajudar no desenvolvimento de seu próprio país.

A mobilidade acadêmica no contexto da Educação Superior cresce nos últimos anos, motivada pela aproximação entre os países e entre as culturas, e se torna mais uma estratégia adotada pelas Instituições, como contribuição na formação desse cidadão mundial.

É importante integrar o estudante na problemática mundial, de uma maneira não especializada ou fechada em disciplinas acadêmicas, “expandindo o conhecimento de forma que os problemas mundiais, os conceitos e definições trabalhados no âmbito planetário estejam ao alcance de todos” (GUIMARÃES, 2013, p.151).

2.2 A MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL

A mobilidade acadêmica está presente nas Universidades desde a Idade Média, com a criação das primeiras escolas europeias. Essas escolas, chamadas de *Universitas*, tinham em seu quadro professores e estudantes de diferentes regiões e países, bem como comunidades internacionais que se reuniam em busca do conhecimento.

Stallivieri (2004) afirma que os estudantes deslocavam-se de diferentes países para tratar de questões do conhecimento e isso contribuía para a glória e a honra da Universidade. A internacionalização da Universidade significava a internacionalização do conhecimento, o que era extremamente valorizado pelos poucos que tinham acesso ao Ensino Superior na época.

Castro e Cabral Neto (2012) colocam como marco inicial do processo de internacionalização do Ensino Superior o período pós Segunda Guerra Mundial, quando os países visavam a reconstrução das nações destruídas e também oferecer assistência para o desenvolvimento, por meio de acordos culturais e científicos, mobilidade estudantil e bolsas de capacitação. Os autores ressaltam ainda a emersão da internacionalização dos espaços políticos e econômicos que se estruturaram em novos blocos também motivaram o surgimento de um espaço único de educação, com livre circulação de serviços e capitais educacionais.

A Europa conhecida pelo seu potencial educacional, considerada o berço das melhores universidades do mundo, tem papel importante no desenvolvimento da consciência internacional no meio acadêmico.

Considerando Stockwell, Bengoetxea e Tauch (2011), mesmo sendo uma potência em educação, a União Europeia teria sistemas educacionais muito diferentes, o que dificultava a compatibilidade entre as outras instituições limitando a mobilidade de estudantes e trabalhadores entre os países europeus.

Ainda de acordo com os autores Stockwell, Bengoetxea e Tauch (2011), em 1999 os países europeus firmaram a Declaração de Bolonha, que promoveu reformas educacionais necessárias para um sistema de educação superior mais competitivo, atrativo para estudantes e professores europeus e de outros continentes. A Declaração de Bolonha foi um marco para a educação europeia, que influencia outros países, servindo como base e consulta para estruturação de políticas educacionais.

Guimarães (2013) acrescenta que o intercâmbio cultural iniciado na Europa no século XX influenciou positivamente o comportamento acadêmico e fez as universidades buscarem a universalização de suas metodologias de ensino, bem como de suas grades curriculares, visando o incentivo à mobilidade acadêmica.

O Processo de Bolonha hoje serve como inspiração para que outros países possam encontrar respostas para as dificuldades do ensino superior e da mobilidade acadêmica internacional em instituições de educação.

A União Europeia atua em um conjunto de programas inovadores, que proporcionam compartilhamento intelectual entre os países. Dentre eles é citado pelo Relatório para a UNESCO (2006), o programa ERASMUS; que foi o primeiro programa aplicado em nível europeu para favorecer tanto a mobilidade de estudantes, como a de professores e também a elaboração de novos cursos.

Stockwell, Bengoetxea e Tauch (2011) afirmam que o objetivo do programa é a mobilidade acadêmica e que ele evidencia a fragmentação dos sistemas de educação superior dos países, o que motivou a necessidade de criar ferramentas para facilitar a mobilidade e o reconhecimento dos estudos. Os autores afirmam ainda que o Processo de Bolonha tem sua origem no Programa Erasmus que aborda a mobilidade, a qualidade, o reconhecimento, os títulos conjuntos, o suplemento ao diploma, os sistemas de transferências e a acumulação de créditos.

Ao longo dos anos esse processo tornou-se ênfase da Comissão Europeia para sanar problemas com as instituições de financiamento, a falta de harmonia entre os estudos oferecidos e as necessidades de formação para o mercado de trabalho.

De acordo com o Relatório para a UNESCO (2006), em 1995 o ERASMUS foi incorporado ao programa SÓCRATES, que mais abrangente reúne todos os tipos e todos os níveis de ensino, baseado no princípio da “educação europeia para todos”. Cada país participante pode contribuir com os seus pontos fortes, permitindo que os estudantes se beneficiem do ensino que é conduzido em diferentes países membros da União Europeia.

Ainda considerando o Relatório para UNESCO (2006), há a pretensão de se construir um espaço comum de conhecimento nos países ibero-americanos, como acontece na Europa, e esse fato tem contado com numerosos defensores na região. São muitas opiniões que defendem que a educação superior deve desempenhar um papel crucial para facilitar os processos de integração regional.

Oliven (2002) afirma, quando se trata de Brasil, no período de colônia não havia Instituições de Ensino Superior em seu território até o início do século XIX, os estudantes da elite colonial portuguesa precisavam deslocar-se até a metrópole para graduarem-se. Na Universidade de Coimbra, graduaram-se 2.500 jovens nascidos no Brasil.

Com a chegada da família real portuguesa de Lisboa e atendendo às solicitações dos comerciantes locais, Salvador passou a sediar alguns cursos superiores como de Cirurgia, Anatomia e Obstetrícia, além de Escolas Militares e a Escola de Belas Artes. As primeiras faculdades do Brasil foram de Medicina, Direito e Politécnica, eram especificamente elitizadas e seguiam o modelo das grandes escolas francesas, que na época eram mais voltadas para o ensino do que para a pesquisa.

Focada mais no ensino, a Educação Superior foi crescendo no país e formando um ambiente com propósitos unificadores, abrigando várias visões de mundo, posições filosóficas, tendências científicas e políticas. O oferecimento de cursos foi diversificando-se cada vez mais, para atender a uma demanda de alunos cada vez mais diversificada também.

Considerando Stallivieri (2004), a partir do século XIX a Universidade contribuiu para as transformações tecnológicas, para a evolução dos meios de comunicação e começa a adequar seu foco para pesquisa, o que incentiva a mobilidade de pesquisadores em busca de novos conceitos, conhecimento e troca cultural com universidades de outros países.

Já Lima e Contel (2009) traçam um histórico da mobilidade acadêmica e suas motivações no Brasil, distribuindo a evolução do assunto em quatro períodos, iniciando nos anos 30 e detalhando a evolução dos processos no contexto universitário, conforme pode ser observado no Quadro 1.

PERÍODO	PROGRAMA DE COOPERAÇÃO ACADÊMICA INTERNACIONAL	PROVEDORES	MOTIVAÇÃO
1º Período Anos 30 e 50	<ul style="list-style-type: none"> • Missões que traziam professores visitantes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Universidades estrangeiras e brasileiras 	Acadêmica: a) Fortalecimento do projeto acadêmico das universidades emergentes.
2º Período Anos 60 e 70	<ul style="list-style-type: none"> • Presença de consultores. • Concessão de bolsas de estudos para mestrado e doutorado no exterior. 	<ul style="list-style-type: none"> • Agências nacionais e internacionais, Governo brasileiro, Universidades Estrangeiras, Instituições de Ensino Superior Privadas. 	Acadêmica Mercadológica: a) Expansão e consolidação dos programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i> . b) Incremento da pesquisa de ponta em áreas estratégicas. c) Diferencial competitivo de algumas instituições ou de alguns cursos.
3º Período Anos 80 e 90	<ul style="list-style-type: none"> • Formação de grupos de estudo e pesquisa em torno de temas de interesse compartilhado. • Concessão de bolsas de estudos para realizar doutorado no exterior. • Ênfase na vinda de professores visitantes e na ida de estudantes para realização de poucas disciplinas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Agências nacionais e internacionais e Governo brasileiro • Universidades estrangeira; • Instituições de educação superior privadas 	Acadêmica Mercadológica: a) Expansão e consolidação dos programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i> . b) Incremento da pesquisa de ponta em áreas estratégicas. c) Diferencial competitivo de algumas instituições ou de alguns cursos.
4º Período Anos 2000 em diante	<ul style="list-style-type: none"> • Formação de grupos de estudo e pesquisa em torno de temas estratégicos e de interesse partilhado. • Concessão de bolsas de estudos para realizar doutorado no exterior em áreas classificadas como estratégicas e sem tradição de pesquisa no País. • Ênfase na vinda de professores visitantes, na ida de estudantes para realização de poucas disciplinas. • Projetos de criação de universidades federais orientadas pela internacionalização ativa. • Comercialização de serviços educacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Agências nacionais e internacionais • Governo brasileiro • Universidades estrangeiras • E instituições brasileiras de educação superior privadas • Corporações internacionais • Universidades corporativas 	Acadêmica, Política, Econômica e Mercadológica: a) Inserção internacional dos programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i> . b) Incremento da pesquisa de ponta em áreas estratégicas. c) Integração regional de caráter inclusivo. d) Diferencial competitivo de algumas instituições ou de alguns cursos. e) Captação de estudantes.

Quadro 1 – Períodos e motivações da mobilidade acadêmica no Brasil
Fonte: Lima e Contel (2009, p. 4)

De acordo com o Quadro 1, as primeiras manifestações de internacionalização da educação aconteceram com a vinda de professores de universidades estrangeiras, com motivações acadêmicas. Krawczyk (2008) acrescenta que nesse período de 1930 a 1950 as atividades de pesquisa foram institucionalizadas e se tornaram parte das universidades latino-americanas. Com o passar do tempo as motivações para a internacionalização passaram a ser também

mercadológicas, se tornando um diferencial competitivo para as organizações de ensino.

Borges e Aquino (2013), nesse sentido, enfatizam que pensar em educação a partir de uma dinâmica estritamente mercantilista, compromete o futuro e o desenvolvimento dos estados. Eles chamam a atenção para o fato de que a entrada do capital internacional no mercado do ensino superior brasileiro implica a diminuição de barreiras para o livre comércio, o que segundo os autores pode levar à perda da autonomia universitária e da diversidade cultural.

Embora considerando esses fatores, iniciam-se as bolsas de estudos para mestrado e doutorado e as agências nacionais e internacionais começam a tomar parte do processo. O governo, presente tanto na criação das universidades como no processo de internacionalização, incentiva e busca por meio dos acordos de cooperação o incremento da pesquisa de ponta em áreas estratégicas.

De acordo com Krawczyk (2008), na região latino-americana o modelo acadêmico norte-americano se estabelecia, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento do fomento à pesquisa científica emergia, baseado no modelo francês. Em outros países o apoio de fundações públicas e privadas incentivava as universidades no setor de pesquisas, enquanto nos países da América Latina o apoio vinha somente do setor público devido à ausência de um setor empresarial interessado no desenvolvimento científico e tecnológico da região.

Devido a esse contexto, nasceram as instituições de fomento à pesquisa no Brasil: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculado ao Ministério da Educação.

Segundo Krawczyk (2008), essas instituições desenvolveram nos últimos anos, na área de graduação, o intercâmbio de estudantes e, na pós-graduação, a formação de pesquisadores em mestrado, doutorado e pós-doutorado e a cooperação científica entre universidades. Também há o fomento à formação de recursos humanos com o intercâmbio de professores, com o objetivo de divulgar a ciência, a tecnologia e a cultura brasileira.

Percebe-se então que a pesquisa e o *status* internacional se tornaram com o passar dos anos grandes motivadores do processo de internacionalização do ensino

superior. A globalização e todos os seus advenços influenciaram e contribuíram para o avanço e o aperfeiçoamento desse processo.

Conforme afirmam Castro e Cabral Neto (2012), a mobilidade acadêmica envolve uma série de processos e influencia no sistema produtivo e no cotidiano das pessoas, como no sistema de transporte, gestão dos espaços, interações espaciais. Não se trata só do deslocamento, mas sim de toda transformação que o processo exerce no meio social e cultural.

O turismo em geral e também o de intercâmbio é muito benéfico para os países receptores, pois influencia diretamente na economia local, gerando empregos, movimentando o comércio e outros segmentos econômicos além da difusão cultural que proporciona.

Considerando o Ministério do Turismo (2012), quando comparado a outros países em que a educação internacional já se apresenta mais intensamente, o Brasil ainda está em fase inicial, no que se refere ao turismo de intercâmbio.

O intercâmbio é uma experiência turística cultural e educacional, que proporciona viver com pessoas de países diferentes, com costumes diferentes. Requer uma mudança de visão, de comportamento, respeito a valores diferentes e administração de conflitos internos e inter-relacionais.

Os acontecimentos do 4º período (anos 2000 em diante), mostrados no Quadro 1, são reafirmados por Krawczyk (2008), quando a autora informa que a partir de 2001 as políticas de cooperação internacional tomam maior fôlego no Brasil. O intercâmbio internacional está em crescente expansão principalmente entre os jovens universitários, deixando de ser destinado apenas às classes altas da sociedade. Gradativamente está expandindo-se como fonte de experiência e conhecimento para diversos indivíduos.

Segundo a Associação BELTA - *Brazilian Educational & Language Travel Association* (2013), a faixa etária das pessoas que procuram intercâmbio está entre 18 e 30 anos. Essa procura não se restringe somente a estudantes de graduação, profissionais formados também buscam por qualificação, estudo e vivência intercultural.

O Ministério do Turismo do Brasil (2012) apresenta algumas modalidades de turismo de intercâmbio, como: cursos de idiomas, cursos profissionalizantes, estágios, intercâmbios universitários, estudiantis e esportivos e também visitas

técnicas. Muitos estudantes de idades diferentes, de vários lugares do mundo e diversos níveis acadêmicos estão em busca da experiência internacional.

Tamião (2010) traz a globalização como fator determinante para o crescimento dos processos de internacionalização em diversos setores. A autora coloca o intercâmbio como um modelo de ação que promove a interação entre pessoas e cultura; e uma cooperação que de início se dava principalmente com; França, Alemanha e Estados Unidos, passa a abranger países como Índia, China e África e também países da América Latina. Embora existam dificuldades como o reconhecimento e o aproveitamento dos cursos e créditos realizados no exterior, percebe-se que os números de intercâmbios crescem.

Com o crescimento da mobilidade acadêmica no mundo, também aumenta a necessidade de se adotar mecanismos para que exista o reconhecimento da experiência que foi adquirida com a mobilidade.

O autor Ferrer (2012) ressalta alguns pontos importantes para o aproveitamento da mobilidade acadêmica, como o reconhecimento para fins acadêmicos da estadia para pesquisa em universidades estrangeiras, também destaca os problemas que surgem quando se trata do reconhecimento de diplomas. Ele afirma ainda que não se trata de homogeneizar os ensinos superiores ou as titulações a que eles conduzem, mas adaptar mecanismos que impliquem o reconhecimento mútuo dos processos de certificação utilizados por diferentes países. Esta seria uma das formas de se estimular a mobilidade acadêmica, a cooperação internacional e a troca universal de conhecimento.

Stallivieri (2004) ressalta que esses desafios, como também a crescente valorização do conhecimento e do capital intelectual, a revolução da informação no mundo globalizado e as transformações nos meios de comunicação diante do crescimento tecnológico, conduzem a universidade a revisar e a atualizar as suas estratégias. A autora ressalta também a busca das instituições pela interação de estudantes em uma sociedade multicultural e internacional, por meio da integração de competências acadêmicas e profissionais.

Freitas (2009) acrescenta que se credita à escola o papel fundamental no desenvolvimento das novas gerações, a missão de despertar a curiosidade ao que é diferente, fazer com que os alunos se abram para o mundo. O intercâmbio cultural, é mais do que uma viagem de turismo, é uma experiência que promove envolvimento

com outra cultura, o desenvolvimento da habilidade em lidar com as diferenças culturais e como se adaptar à nova realidade.

Considerando Weihermann e Silveira (2009), é importante conhecer o impacto dessas diferenças sobre os indivíduos que vivem fora de seu país natal por um período temporário para que se tenha um processo de intercâmbio com sucesso e para que o intercambista aproveite ao máximo esse momento de intensa experimentação.

Considerando o IIE - *Institute of International Education* (2014), a falta de preparo do aluno para uma experiência internacional e um sistema de ensino novo e desafiador podem influenciar no seu nível de aproveitamento da experiência.

As instituições de ensino superior estão atentando para o fato de que o limite de atuação da organização já não se restringe mais aos muros de concreto que as cercam. É preciso atuar em um mundo sem barreiras e os estudantes devem ser preparados para essa atuação também, sendo assim, encontrou-se na mobilidade acadêmica uma maneira de buscar a consolidação do ensino superior nesse novo contexto global.

Finuras (2011) ressalta que a globalização traz como consequência uma maior aproximação entre diferentes sociedades humanas, culturas e valores. As pessoas estão mais próximas para conhecer estilos de vida diferentes, compreender os porquês dessas diferenças e acima de tudo, nos dias atuais, vivenciar outras culturas e modos de vida.

Essa aproximação entre instituições de diferentes partes do planeta proporciona também o estímulo e o desenvolvimento de novas formas de aprendizagem e de produzir, gerenciar e ampliar o conhecimento. Essa percepção acontece também fora das Instituições de Ensino, as famílias passaram a valorizar essas experiências e se mobilizam para proporcionar aos seus filhos uma oportunidade de estudar no exterior ou até mesmo o contato com estrangeiros para aprendizado de uma segunda língua.

De acordo com a Associação Brasileira de Organizadores de Viagens Educacionais e Culturais – BELTA, em 2012, 175 mil brasileiros foram estudar no exterior e esse segmento movimentou mais de um bilhão de dólares. A pesquisa ressalta ainda que o Canadá é o destino mais procurado, de acordo com 90% das empresas pesquisadas, Estados Unidos da América (EUA) ficam com o segundo lugar, com 75% e o Reino Unido em terceiro com 68,8%.

De acordo com IIE, *Institute of Internacional Education* (2014), os programas de mobilidade acadêmica internacional do Brasil estão mais focados nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática, sendo que engenharia é o mais procurado com 60% dos alunos bolsistas matriculados nos Estados Unidos (EUA), seguidos pelas ciências médicas com 14% e ciências exatas com 10%. Existem também alunos matriculados em ciências sociais, negócios e artes, focados em produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação.

Miura (2006) ressalta que desde o final da Segunda Guerra Mundial até a década de 80 os Estados Unidos foram uma das referências em modelos de mobilidade internacional, visto como principal polo de atração de estudantes internacionais. O autor aponta ainda algumas razões para esse fato, como a alta qualidade do ensino superior, oferecimento de programas acadêmicos, oportunidades de imigração e carreira acadêmica, disponibilidade de bolsas, divulgação comercial agressiva dos programas de educação superior de instituições americanas, excelentes serviços de apoio para estudantes estrangeiros, uso da língua inglesa como meio de comunicação acadêmica e a influência global exercida pelos Estados Unidos.

Segundo Tomazzoni e Oliveira (2013), o turista de intercâmbio, ou intercambista, faz parte de um grupo de pessoas com desejos e necessidades de buscar experiências e vivências em destinos turísticos, o que promove uma troca cultural possibilitando desenvolver relações de cooperação entre sujeitos e culturas diferentes.

A experiência é tão significativa para os estudantes e para os familiares que, de acordo com Nogueira, Aguiar e Ramos (2008), o que mais se destaca no discurso da família é que ele acaba minimizando os aspectos negativos como: dificuldade de adaptação, sentimentos de discriminação e de saudades, atrasos escolares no retorno ao Brasil entre outros. As expectativas são tantas, que todas as dificuldades enfrentadas na ida, na permanência e no retorno dos estudantes de intercâmbio, são deixadas de lado e valorizadas apenas as experiências positivas.

As dificuldades de estudar no exterior independem da nacionalidade do estudante. De acordo com IIE - *Institute of Internacional Education* (2014), os desafios para os estudantes norte-americanos podem ser agrupados em três categorias: custo, currículo e cultura. Os custos de viagem, estadia e o valor dos cursos ainda afastam muitas pessoas do intercâmbio. Tomando como exemplo da

realidade brasileira, o Instituto também menciona o papel da faculdade em adaptar seus currículos, o que influencia nas decisões dos alunos ao participarem do processo de intercâmbio. Ressalta ainda que políticas inflexíveis e a falta de apoio dos professores também podem ser prejudiciais.

De acordo com Mariano (2008), mesmo sendo um investimento alto, sem garantia de retorno, pode mudar a vida de uma pessoa. A autora afirma ainda que ninguém volta de um intercâmbio com os mesmos pensamentos e que vivenciar e conhecer outras culturas pode ser algo transformador para o indivíduo. Ressalta ainda a diversidade de processos de intercâmbio existentes atualmente, para todas as idades, todos os desejos e objetivos, abrangendo desde adolescentes, executivos, professores a donas de casa, independente do período de permanência, um mês ou um ano, é oportunidade de portas abertas para todos.

Considerando Morosini (2011), a produção conjunta de conhecimento é a forma mais elaborada de cooperação acadêmica. Via de regra, antes da realização dessa produção, é necessário que outros laços tenham sido construídos para que existam equipes de ambos os lados para a realização de um projeto de pesquisa.

As ações de cooperação acadêmica internacional entre Instituições de Ensino Superior beneficiam inúmeros estudantes e pesquisadores e ainda estreitam o relacionamento entre países para troca de conhecimento.

De acordo com Tomazzoni e Oliveira (2013), o intercâmbio é uma fonte de experiência para todas as partes envolvidas, tanto para a pessoa que conhece uma cultura diferente, quanto para aqueles que recebem essas pessoas de outros países. Os autores afirmam ainda que, além de contribuir para o desenvolvimento individual, o processo de intercâmbio proporciona retorno para diversas áreas, possibilitando o desenvolvimento de competências que contribuem para a carreira do indivíduo.

Atualmente o *status* de se ter uma experiência internacional, seja profissional ou acadêmica, tem feito muitos profissionais e muitas famílias buscarem esse processo, esperando que após uma estadia no exterior o indivíduo retorne munido de ferramentas profissionais, acadêmicas e pessoais, suficientes para ter uma carreira de sucesso no país de origem.

Solanas (2014), com relação a essa realidade, afirma que existem diversos incentivos, principalmente por parte de grandes empresas por contratar e valorizar

os profissionais capazes de adaptar-se e especialmente compreender outros contextos.

Em uma pesquisa realizada por Leal e Ramos (2012) com egressos e estudantes do curso de Pedagogia do Programa de Mobilidade Estudantil Internacional da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), considerando as motivações para a busca do intercâmbio, mostrou-se que a grande maioria dos estudantes foram motivados pelo fato de conhecer uma nova cultura e pela reputação e qualidade do sistema de ensino existente no país de destino. A pesquisa revela ainda que houve um percentual significativo relativo a não identificação de desvantagens na participação do intercâmbio, o que corrobora o fato de que a mobilidade internacional pode ser de grande importância no desenvolvimento do aluno e da instituição.

No contexto de mobilidade acadêmica internacional, autores como Solanas, (2014) e pesquisas do IIE - *Institute of International Education* (2014) apontam uma troca de paradigmas da Internacionalização, afirmam que o estudo no exterior precisa ser redesenhado. Diferentes fatores colaboram para uma alteração na maneira como se pensa mobilidade acadêmica, atualmente pensa-se em termos de mobilidade de ideias, informações, oportunidades, instituições e programas de aprendizado.

O *Institute International Educacion* (2014) propõe algumas alternativas para incentivar e melhor desenvolver os processos de mobilidade acadêmica internacional, como: redefinir e modernizar o termo estudante estrangeiro, para que englobe também estudar e trabalhar em uma economia global, bem como abranger estágios, voluntariado e todos os tipos de aprendizagem e buscar entender como tirar proveito do estudo no exterior em busca do emprego.

Outro ponto que o IIE considera importante é o papel do professor como grande influenciador, que pode ajudar os alunos a compreenderem a importância da consciência mundial desde cedo e inspirá-los a serem curiosos e engajados sobre o mundo. Duarte *et al.* (2009) destacam o importante papel dos docentes para a internacionalização das Instituições, afirmando que a literatura existente se concentra em analisar e estudar a influência docente no desenvolvimento de um currículo internacional de estudantes, no aconselhamento de alunos e na formulação de programas de intercâmbio.

Mas os autores chamam a atenção para negligência dos estudos sobre o papel das redes de relacionamentos dos docentes para o estabelecimento de contatos mais próximos com instituições internacionais. A assinatura de um acordo não garante que haverá realmente a parceria entre as instituições, a efetivação de um contato mais próximo só será construída mediante uma rede de relacionamento construída pelos docentes universitários.

O artigo publicado pelo IIE - *Institute of Internacional Education* (2014) menciona ainda a importância da pesquisa nessa área com alunos e ex-alunos sobre o que mais influencia e a melhor maneira de fazer um intercâmbio e ainda verificar com os alunos que não vão para o exterior quais os motivos, obstáculos e pontos de decisão.

Um ponto de destaque importante é que os dados gerados por essas pesquisas precisam ser atraentes para os empregadores. Quais as vantagens de se investir em profissionais com experiências internacionais, ou ainda proporcionar a esses profissionais a oportunidade de uma vivência no exterior.

Mais uma ideia do IIE (2014) seria fornecer um conjunto de ferramentas para melhorar a interação do aluno com o exterior. Em vez de perguntar “aonde você quer ir”, descobrir a área de estudo do estudante ou os objetivos profissionais a fim de direcionar seus estudos no exterior corretamente, desde o início.

Solanas (2014) elencou alguns fatores que influenciaram a mudança de paradigmas na internacionalização da Educação Superior: o primeiro é o aumento do intercâmbio econômico com acordos de livre comércio, com circuitos desenhados para o consumo e a venda de serviços universitários; o segundo é a proliferação de novos conteúdos, habilidades e treinamentos gerados pela lógica de mercado e suas demandas, o que provoca o aumento do número de conteúdos acadêmicos ligados ao mundo dos negócios, como a expansão da *oferta de Master Business Administration* (MBA). O terceiro fator são os rankings da educação, que aumentam a competitividade universitária, incentivando a realização de reformas acadêmicas com o objetivo de melhorar o posicionamento das instituições nesses rankings. O movimento de criação de rankings para as universidades, simbolicamente, constitui o indicador mais poderoso que o mercado de valores incorporou ao setor universitário.

Ainda dentro da mesma linha de pensamento, o IIE - *Institute of Internacional Education* (2014) ressalta a importância da experiência internacional, quando afirma

que estudar no exterior é formação básica para o século XXI. Aprender a interagir com pessoas de outros países e culturas será essencial para todas as carreiras, sendo elas de negócio, manufatura, engenharia, governo, academia ou organizações não governamentais. A experiência internacional é um dos mais importantes componentes do século XXI, já que estudar em outro país abre os olhos dos alunos para uma nova maneira de pensar sobre o mundo.

Neves e Norte (2009) afirmam que a internacionalização das universidades é estratégica para política governamental brasileira e aponta dados do Ministério da Educação que indicam o crescimento da produção científica no Brasil. Os autores mencionam ainda que 75% do corpo docente nas Universidades Federais é composto por professores doutores e que o governo tem incentivado a mobilidade para doutorado e pós-doutorado. Esses dados beneficiam o Brasil na procura de parcerias acadêmicas internacionais.

2.3 A MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL E SEUS IMPACTOS NA VIDA PROFISSIONAL

A mobilidade acadêmica internacional exerce influência em vários aspectos da vida de quem tem a oportunidade de vivenciá-la.

Cada pessoa tem seus motivos para falar sobre a importância do intercâmbio, mas se há uma coisa sobre a qual todas concordam é que a experiência é enriquecedora, e as dificuldades só as fizeram crescer (MARIANO, 2008, p.10).

Segundo Santos e Santos (2008), o intercâmbio é uma oportunidade conveniente para quem quer aperfeiçoar o idioma, quem procura crescimento profissional e pessoal e para aqueles que procuram manter o currículo profissional cada vez mais competitivo, além de proporcionar aos participantes a ampliação da visão de mundo e a melhor compreensão de outras culturas.

Hanashiro, Teixeira e Zaccarelli (2008, p.165) trazem o conceito de empregabilidade tão utilizado no mundo organizacional e que está intimamente ligado à carreira e à profissionalização dos indivíduos. Os autores afirmam que o conceito é recente e vem do inglês *employability* e está relacionado às mudanças no mercado de trabalho e significa a “capacidade de gerir o próprio destino e prover meios para sua sobrevivência”. É destacado ainda que o indivíduo deve estar preparado para ser um profissional do conhecimento, “um conhecimento que seja útil a ponto de poder ser “vendido” para algum segmento da sociedade que esteja disposto a pagar por ele”.

Apesar das definições racionais de empregabilidade, e da competitividade que se encontra no mercado de trabalho, quando se abordam as motivações e os impactos da experiência para os jovens, as autoras Lima e Riegel (2010) concluem mediante pesquisa com participantes de intercâmbio que as motivações que justificaram o investimento em uma formação internacional são pouco alinhadas a projetos acadêmicos ou profissionais. Os resultados alcançados pelas autoras retratam um cenário no qual são ressaltadas pelos jovens mais as questões pessoais do que as acadêmicas ou profissionais e o fato de a experiência não ter exercido impacto na vida profissional do estudante.

Na pesquisa de Leal e Ramos (2012) quanto às motivações do programa de mobilidade estudantil internacional, o fato de conhecer uma nova cultura aparece no topo das motivações e vantagens do processo. A possibilidade de trabalhar no país de destino, valorização de competências pelo mercado de trabalho, aparecem nas pesquisas com um índice de 23% de respostas. Os impactos pessoais também são ressaltados nesta pesquisa em maior quantidade do que os contributos profissionais.

Mesmo não sendo destacado pelos alunos da referida pesquisa, o contexto profissional é de extrema relevância para a sociedade. O Relatório para UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (2006), traz uma visão crítica que está aos poucos tomando forma, na qual coloca a evolução mundial como fator determinante de mudança no cenário profissional.

O Relatório sinaliza uma crise em uma sociedade onde o trabalho é considerado um bem precioso, disputado de todas as formas pelos países. Ressalta ainda, devido a esse fato, uma preocupação com jovens desempregados à mercê de uma realidade social ainda sem foco, sem preparo para tantas mudanças.

Situação também observada nas pesquisas realizadas pelos autores Lima e Riegel (2010) e Leal e Ramos (2012), nas quais, embora os resultados não possam ser generalizados, demonstram uma baixa atenção à área profissional.

A mobilidade de uma forma ampla é definida como sendo “disposições e competências que coloca o indivíduo em interação com o outro, diferente de si, permitindo-lhe vivenciar a alteridade no seu exercício profissional e pessoal” (FREITAS, 2009, p.249). A autora ressalta a importância de não limitar a experiência a um “fenômeno geográfico”, mas sim trata-la como um evento que proporciona o confronto e o desenvolvimento de novos conhecimentos.

A abertura e a integração dos países é um processo que se iniciou no final do século XX, conforme afirmam Weiherrmann e Silveira (2009), processo esse chamado de globalização. Com ele crescem o interesse e a necessidade de viver uma experiência cultural no exterior.

Santos e Santos (2008) afirmam que a globalização se tornou fonte de diversas mudanças e também impacta no mundo do trabalho. As empresas tornam-se mais exigentes na formulação de seu perfil profissional, procurando pessoas que possuam facilidade em atuar em um cenário em constante mudança.

A busca pela internacionalização das empresas também traz consigo o impacto da junção de várias culturas diferentes, o que segundo Santos e Santos (2008) faz com que as empresas busquem profissionais que possam suprir essa necessidade nas relações interculturais. As autoras referem-se ainda à língua inglesa, como “língua universal dos negócios”, e exemplificam a relevância do idioma para o mundo, já que é difundida por duas potências mundiais, EUA e Inglaterra. Elas afirmam ainda a posição do aprendizado de idiomas como destaque para a carreira do indivíduo, principalmente porque não há mais fronteiras para as relações internacionais.

Dalcin (2011) afirma que a educação intercultural não passa somente pelo reconhecimento das culturas, mas também pela aquisição de novas competências culturais e linguísticas.

Leal e Ramos (2012) enfatizam em seus estudos que a participação em mobilidade acadêmica internacional possibilita não só atender às exigências do mundo profissional, mas também impacta na construção da cidadania do estudante. As autoras ressaltam ainda a relevância de a instituição de ensino oferecer a

oportunidade aos alunos, de não apenas conhecer a diversidade sociocultural, mas de vivenciá-la.

Ressalta-se a relevante atuação do ensino superior no desenvolvimento regional e quando apresenta-se a mobilidade acadêmica internacional como parte da formação oferecida pelas instituições, essa atuação se torna mais completa e abrangente. Quando a Instituição de Ensino Superior abre suas portas para o mundo e proporciona a seus alunos experiências além das salas de aula, ela está contribuindo para o crescimento e desenvolvimento de profissionais que atuarão de forma mais eficaz no desenvolvimento das regiões.

Uma vez que a presente pesquisa de campo foi realizada no contexto do ensino superior tecnológico, este será apresentado na próxima seção.

2.4 O ENSINO SUPERIOR TECNOLÓGICO

O ensino superior tecnológico nasceu no Brasil em um período de grandes transformações e intensa industrialização, quando a tecnologia iniciava seu processo de expansão, na década de 1960 com a Lei Federal nº 5540/68, que foi chamada de reforma universitária de 68.

Considerando Jucá, Oliveira e Souza (2010), inicialmente os cursos eram chamados de “Cursos Superiores de curta duração”, que se constituía em uma formação intermediária entre o grau médio e o superior. Essa concepção levou ao descrédito da educação profissional na época, que já carregava a imagem de ser exclusivamente assistencialista e apenas um recurso de inserção de pessoas menos favorecidas no mercado.

Os autores afirmam ainda que no começo houve dois tipos de profissionais de nível superior, os engenheiros voltados a concepções de novos processos e os tecnólogos voltados a execução. Essa distinção contribuiu para o fracasso dessa forma de ensino nas décadas de 1970 e 1980.

Nas décadas seguintes, ainda houve diversas discussões a respeito dos cursos tecnológicos, sua estruturação curricular, duração, se eram de graduação ou nível técnico. Algumas dessas dúvidas ainda permeiam as discussões sobre o assunto, principalmente a dúvida sobre a diferença entre ensino técnico e superior tecnológico. De acordo com o Parecer CNE/CES 436/2001, “Os cursos superiores

de tecnologia parecem surgir como uma das principais respostas do setor educacional às necessidades e demandas da sociedade brasileira”.

De acordo com Lima, Santos Filho e Santos Filho (2008), o enfoque da educação profissional deve constituir na formação intelectual, profissional, social e política do jovem, preocupando-se em formar não só profissionais mas também agentes transformadores da realidade social. Essa nova realidade, que aos poucos se vai construindo, tende a reduzir consideravelmente o preconceito histórico, deixando de estar ligado ao conceito de ser apenas experiências de treinamento profissional.

Para Batista (2011), a educação tecnológica no Brasil pode ser compreendida observando-se as diversas concepções de trabalho e cultura, a partir do momento em que as forças produtivas se tornam estrutura fundamental das relações econômicas. Com instituições em todo país, o ensino superior tecnológico passou a ser considerado imperativo para o desenvolvimento global.

Já Brandão (2006) discute em seu texto o fato de que profissionalizar não é o mesmo que educar, de um lado tem-se a formação sólida e conservadora para poucos e, de outro, para a grande maioria, uma formação de nível superior específica, voltada estreitamente para o mercado de trabalho. A autora leva em conta ainda a importância do acesso à educação para as classes trabalhadoras, mas chama a atenção para qual educação é esta e como atende distintamente aos interesses dos trabalhadores e da economia capitalista.

De acordo com o Parecer nº 29/2002 do Conselho Nacional de Educação, o progresso científico e tecnológico influencia de maneira rápida e ampla as organizações, o setor produtivo, a sociedade, o mercado interno e externo, a força de trabalho e a sua qualificação.

O Parecer ressalta que dentro desse contexto insere-se a importância da Educação Profissional na amplitude dos seus três níveis: básico, técnico e tecnológico. Destaca que o objetivo é capacitar o estudante para o desenvolvimento de competências profissionais, em que seja possível aplicar o desenvolvimento e a difusão de novas tecnologias, buscando condições para “colocar em ação conhecimentos, habilidades, valores e atitudes para responder, de forma original e criativa, com eficiência e eficácia aos desafios e requerimentos do mundo do trabalho”.

O parecer citado foi um dos documentos que fundamentou a Resolução CNE/CP de 18 de dezembro de 2002, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais que organizam o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia. O documento reafirma em seu artigo quarto que os cursos superiores de tecnologia são cursos de graduação que possuem características especiais e obedecerão às diretrizes contidas no Parecer CEE/CES 436/2001 e conduzirão à obtenção de diploma de tecnólogo.

Silva (2011) afirma que o papel da educação passa a ser fundamental para explicar economicamente as diferenças de produtividade e renda. Do ponto de vista microeconômico, constitui-se no fator explicativo das diferenças individuais da produtividade e conseqüentemente da mobilidade social.

Se o ensino tecnológico surgiu como uma forma de inserção social dos menos favorecidos, menos pensantes e críticos, hoje ele ganha espaço na área acadêmica como fonte de inovação e conhecimento.

O debate em torno do desenvolvimento induz à reflexão sobre a representatividade do ensino tecnológico, considerando que a educação profissional e especializada prepara o indivíduo para atuar no mercado gerando capital monetário. Essa inserção no mercado significa melhora na renda, o que influi na circulação de capital e na economia, situação que transforma a condição social do indivíduo, melhorando-a.

Levando em conta as definições de desenvolvimento na voz de autores distintos, como Sen (2000), Martins (2004) e Oliveira (2002), percebe-se que não há certo ou errado, mas há a complementação mútua, em que o capital e o social são necessários para compor o desenvolvimento. Ressalta-se ainda que cresce na educação profissional o estímulo ao pensamento crítico e humanizado, o que possibilita a formação não somente de mão de obra, mas de atores sociais responsáveis por atuar de maneira importante no desenvolvimento da região em que estão inseridos.

Considerando Dalcin (2011), no contexto atual de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, a educação é considerada um poderoso recurso e fator de competitividade, o autor afirma ainda que essa é a razão pela qual nas últimas décadas as atenções e expectativas se voltam para as universidades com exigências de maior qualidade na educação.

2.5 OS PROGRAMAS DE MOBILIDADE ACADÊMICA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR TECNOLÓGICO

As Instituições de Ensino Superior Tecnológico estudadas oferecem aos alunos algumas opções de programas para mobilidade acadêmica internacional. As Instituições estudadas possuem um programa próprio, que é administrado pelo Centro de Educação Tecnológica e distribuído às Unidades por ele mantidas, o Programa de Intercâmbio Cultural.

O Programa de Intercâmbio Cultural teve início em 2011 com o embarque de 500 alunos de Ensino Superior Tecnológico e Ensino Técnico e em 2012 foram mais 500. No ano de 2013 outros 510 tiveram a oportunidade de participar do curso de imersão de Língua Inglesa nos Estados Unidos, Inglaterra e Nova Zelândia. É oferecida 01 vaga por unidade de ensino da rede.

Para o ensino superior, foco de estudo, o programa tem como requisitos de participação que o aluno seja concluinte, tenha 75% de frequência mínima no curso e não tenha nenhum registro de advertência ou pena disciplinar. Para classificação o critério é o melhor desempenho do início do curso até o último semestre cursado, o que motiva muitos graduandos a se aplicarem nos estudos para competirem por uma oportunidade no exterior.

De acordo com o Ofício Circular nº 17/2013 – GDS do Centro Paula Souza, o Programa oferece quatro semanas de curso intensivo de inglês em escolas internacionais, redes de ensino de idiomas, nas quais os alunos serão avaliados no início do curso e direcionados de acordo com o nível de conhecimento na língua, beneficiando inclusive aqueles que não possuem alto conhecimento em inglês.

Os alunos ficam acomodados em casas de famílias, quarto individual, sempre respeitando o mix de nacionalidade. Quanto à alimentação, é oferecida meia pensão, café da manhã e jantar, durante a semana. Outro ponto relevante é que os participantes recebem uma ajuda de custo de 400 (quatrocentos) dólares americanos ou neozelandeses ou libras esterlinas, conforme país de destino. Ainda de acordo com o documento, a passagem aérea é em classe econômica, priorizando o menor número de conexões possíveis.

Com relação ao transporte há o traslado no trajeto aeroporto – casa de família – aeroporto, assim como ônibus, metro e demais meios utilizados no trajeto casa de família – escola – casa de família, além do seguro saúde disponibilizado a todos os intercambistas.

As instituições participam também de outros programas disponíveis em âmbito federal, como o Ciências sem Fronteiras e o Fullbright. No Brasil um dos destaques é o Programa Ciências sem Fronteiras, uma iniciativa dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), e também das respectivas instituições de fomento – CNPQ, CAPES e Secretarias de Ensino Superior e Tecnológico do MEC.

O programa objetiva utilizar até 101 mil bolsas para promover intercâmbio aos alunos de graduação e pós-graduação, com a finalidade de manter contato com sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e inovação.

O Gráfico 1 representa a distribuição das bolsas por modalidade, no programa Ciências sem Fronteiras.

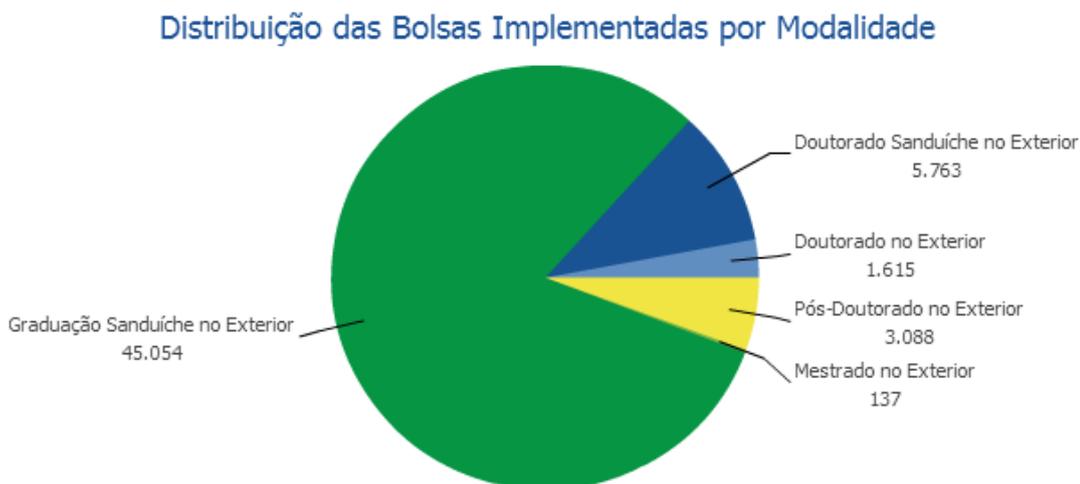


Gráfico 1: Distribuição das bolsas implementadas por modalidade
Fonte: Programa Ciências sem Fronteiras (2014)

Também busca a atração de pesquisadores estrangeiros tanto para se fixarem no país como estabelecer parcerias, possibilitando inclusive o treinamento especializado de pesquisadores de empresas no exterior (PROGRAMA CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS, 2014).

Ainda sobre o Programa Ciências sem Fronteiras, o IIE (2014) informa que as Universidades parceiras do programa nos EUA têm sido flexíveis e eficientes a fim de trabalhar dentro do cronograma do governo brasileiro. Afirma ainda que as

universidades americanas têm trabalhado bastante para receber os alunos brasileiros em suas instituições.

Outro programa importante do qual o Brasil participa é o Fullbrighth, Programa de Intercâmbio Educacional e Cultural do Governo dos Estados Unidos da América. No Brasil iniciou em 1957, quando instituiu a Comissão Fullbright, que é dirigida por um conselho diretor formado por seis brasileiros e seis cidadãos norte-americanos residentes no Brasil.

O Programa, segundo publicado no site da Fullbrighth (2014), oferece bolsas de estudos para estudantes de pós-graduação, professores e pesquisadores. De acordo com informações da Fullbrighth, no Brasil mais de 3.500 brasileiros já participaram do programa. Considerando o IIE (2014), a Comissão Fullbrighth no Brasil tem desempenhado um papel fundamental estabelecendo laços estreitos entre EUA e Brasil.

As instituições pesquisadas também já tiveram alunos participando do Programa Santander Universidades, que oferece algumas opções de mobilidade acadêmica para universidades conveniadas. De acordo com o site do Programa Santander Universidades (2014), são oferecidas algumas opções de intercâmbio, como o Programa Ibero-Americano, que tem como objetivo promover o intercâmbio acadêmico de estudantes de graduação entre universidades de 10 países da região Ibero-americana: Brasil, Argentina, Espanha, Chile, Colômbia, México, Peru, Portugal. Segundo o Santander Universidades (2014), na primeira edição em 2011, foram 49 universidades com 265 universitários participantes, em 2012, 88 universidades com 530 universitários, em 2013 110 universidades com 800 universitários e em 2014, 141 universidades com 1.060 universitários. O programa oferece ainda uma bolsa de estudos de três mil euros por aluno, para cobrir custos com transporte, hospedagem e alimentação.

Ainda no mesmo programa, existe o Programa de Bolsas Luso-Brasileiras, que oferece anualmente bolsas de estudos de um semestre para universitários de Instituições públicas brasileiras de educação superior. O programa Top China para alunos de graduação e professores, o programa Top Espanha, também para alunos e professores, e o Programa Fórmula Santander, que beneficia 300 estudantes universitários do Brasil, da Espanha e do Reino Unido. Todos os cursos oferecidos por todos os programas do Santander Universidades são frutos de acordos estabelecidos entre as universidades de origem e destino.

A importância de um processo de internacionalização para as universidades é indiscutível, pois a realidade internacional está presente dentro das universidades do mundo todo. Considerando Altbach (2004), a globalização hoje, para o ensino superior, não tem precedentes.

Desde seu início, as universidades incorporam tensões entre as realidades nacionais e as tendências internacionais. Os alunos sempre viajaram para estudar no exterior e os pesquisadores sempre trabalharam fora de seus países de origem. O contexto internacional sempre esteve presente nas instituições de ensino superior, e poucos lugares conseguem englobar as tendências contemporâneas e inovações que nascem com a globalização.

Considerando a relevância de parcerias institucionais para o ensino superior, Neves e Norte (2009) destacam que a recente *World Conference on Higher Education*, que aconteceu em Paris em 2009, abordou como tema central as Novas Dinâmicas da Educação Superior e da Pesquisa para a Mudança e o Desenvolvimento da Sociedade. Os autores informam que entre os temas discutidos estão a internacionalização, a regionalização e globalização no ensino superior, destacando que as ações devem ser incentivadas respeitando a diversidade, a realidade local e o diálogo intercultural.

De acordo com a presente pesquisa, observou-se um histórico de crescente inserção da mobilidade acadêmica internacional nas instituições de ensino superior, fato que influencia diretamente no modo como as pessoas compreendem a experiência internacional.

Finuras (2011) afirma que a chave para a mudança e para o desenvolvimento das organizações, e também para o desenvolvimento econômico, social e político está nas pessoas. A globalização que se institui no cotidiano da sociedade de forma cada vez mais rápida significa uma questão de mudança dos quadros mentais e dos comportamentos dessas pessoas, o que acaba interferindo de maneira muito significativa no desenvolvimento de regiões e nações inteiras.

Essa realidade é afirmada quando se percebe no decorrer de toda pesquisa que o número de mobilidade acadêmica internacional tem crescido nas instituições, que as famílias estão buscando essas experiências para seus filhos e quando observa-se também que a socialização das opções e oportunidades de viagens internacionais proporcionam a todas as classes sociais a vivência internacional.

A revisão da literatura proporcionou o conhecimento e embasamento teórico referente ao tema para realização da pesquisa. Abordar o ensino superior no contexto do desenvolvimento regional possibilitou analisar diferentes autores e instituições. Sendo assim, entender o crescimento do ensino superior, seus papéis, suas responsabilidades e sua relevância para o mundo, é também compreender partes do desenvolvimento de uma região.

Ainda no contexto do ensino superior, foi possível analisar o processo de mobilidade acadêmica, desde o seu nascimento, passando pela sua evolução e sua influência na vida profissional dos indivíduos. A mobilidade acadêmica passa a fazer parte do ensino superior tecnológico e o conhecimento apresentado por meio de autores da área serviu como base para o desenvolvimento do estudo de caso realizado na presente dissertação.

No capítulo seguinte será apresentado o método utilizado, com a descrição do tipo de pesquisa desenvolvido, área de realização, população e amostra, procedimentos para coleta e análise de dados.

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Para o desenvolvimento da dissertação foi realizada uma pesquisa de estudo de caso, a qual, segundo Yin (2001), é utilizada quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento.

Segundo Prodanov e Freitas (2013), o estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. Os autores ressaltam ainda que é uma categoria de investigação.

O assunto pesquisado, mobilidade acadêmica internacional, é contemporâneo e presente nas instituições e na vida de seus principais atores, alunos e professores, sendo assim, utilizar a pesquisa de estudo de caso foi de extrema relevância para melhor compreensão do tema. Este delineamento permite, conforme afirma Yin (2001), a investigação do fenômeno dentro de seu contexto da vida real, o que proporciona uma visão mais global e aprofundada.

A pesquisa de estudo de caso foi realizada em duas Instituições de Ensino Superior Tecnológico localizadas nas cidades Guaratinguetá e Cruzeiro, no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo.

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, o que Martins (2004) define como aquela pesquisa que privilegia a análise de microprocessos, por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais. Neves (1996) afirma ainda que nas ciências sociais os pesquisadores buscam visualizar o contexto e, caso seja possível, interagir empaticamente com o processo objeto de estudo para que possa melhor compreendê-lo.

Segundo Oliveira (2007), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do objeto de estudo, sendo que o pesquisador busca estudar os

fenômenos em seu cenário natural, compreendendo e interpretando os significados que as pessoas atribuem a eles.

3.2 ÁREA DE REALIZAÇÃO: A UNIDADE CASO

Estudou-se a mobilidade acadêmica internacional em duas Instituições Públicas de Ensino Superior Tecnológico, localizadas no Estado de São Paulo, nas cidades de Cruzeiro e Guaratinguetá.

As instituições fazem parte de um Centro de Educação Tecnológica, autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, SDECTI, que administra 63 instituições de cursos superiores tecnológicos e 218 instituições de ensino técnico e médio, atendendo em torno de 283 mil alunos em mais de 300 municípios do Estado. No Ensino Superior Tecnológico especificamente, a instituição atende aproximadamente, 70 mil alunos (CENTRO PAULA SOUZA, 2014).

Referente às duas Instituições pesquisadas, a instituição situada na cidade Guaratinguetá, foi criada em 1994, oferecendo apenas 01 curso e 30 vagas. A faculdade situada na cidade de Cruzeiro foi criada em 2006, oferecendo inicialmente 02 cursos com 40 vagas cada um.

Com o crescimento na demanda pelos cursos superiores tecnológicos as instituições cresceram, ampliaram suas grades de cursos oferecidos e também abriram mais vagas, que atendem muitas pessoas da região em que estão inseridas.

Em Guaratinguetá, são oferecidos cinco cursos superiores de graduação tecnológica, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Gestão da Tecnologia da Informação, Gestão Financeira, Gestão Empresarial e Logística.

Na cidade de Cruzeiro, a Unidade oferece os cursos de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Gestão Empresarial e os mais recentes cursos implantados, de Eventos e Gestão da Produção Industrial. Todos os cursos das duas instituições oferecem cada um 40 vagas, e são estruturados em 2.800 horas.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Foram estudados oito alunos que passaram pela experiência de mobilidade acadêmica internacional e também dois gestores institucionais envolvidos com os processos de mobilidade acadêmica.

Foi formada uma amostra por acessibilidade, na qual segundo Prodanov e Freitas (2013) o pesquisador seleciona os elementos para compor a amostra de acordo com seu acesso a eles. Trata-se, portanto, de uma amostra não probabilística.

3.3.1 DADOS DA AMOSTRA

Como parte da pesquisa de campo desta dissertação foram entrevistados dois gestores institucionais sobre a participação da Instituição de ensino nos processos de mobilidade acadêmica internacional. Os entrevistados foram nominados Participante Gestor 1 (PG1) e Participante Gestor 2 (PG2), sendo que cada gestor representa uma das instituições. Ambos os gestores atuam orientando os alunos e sendo a ponte entre o Centro de Educação Tecnológica – instituição mantenedora – e as instituições de ensino. Os entrevistados são do sexo feminino e possuem quatro e dois anos de atuação nos processos de mobilidade acadêmica. O PG1 está na instituição há seis anos e o PG2 há sete anos. PG1 é Doutora em Físico-química e coordena um curso na Faculdade e PG2 é Mestre em Linguística Aplicada e Ensino Aprendizagem de Língua Estrangeira, professora da Unidade de Ensino e atua diretamente com a mantenedora das Instituições na área de Internacionalização e processos de mobilidade acadêmica internacional.

Também foram entrevistados 8 alunos que participaram de processos de mobilidade acadêmica nas instituições e realizada análise de conteúdo para tratamento das informações coletadas. Aos alunos foram designados códigos e nomeados de: Participante Aluno 1 (PA1), Participante Aluno 2 (PA2), Participante

Aluno 3 (PA3), Participante Aluno 4 (PA4), Participante Aluno 5 (PA5), Participante Aluno 6 (PA6), Participante Aluno 7 (PA7) e Participante Aluno 8 (PA8).

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foram utilizados os seguintes instrumentos:

(1) **Documentos institucionais:** Análise documental dos programas de mobilidade acadêmica das instituições estudadas, bem como dados de indicadores internos. Marconi e Lakatos (2003) afirmam que a pesquisa documental compreende valer-se de documentos como fonte para coleta de dados. Entende-se por documentos qualquer registro que possa ser utilizado como fonte de informação, por meio de observação, leitura, reflexão e crítica, como afirmam Prodanov e Freitas (2013). Os documentos consultados foram base para compreensão e caracterização dos programas de mobilidade acadêmica internacional disponíveis nas instituições.

(2) **Entrevistas semiestruturadas:** foram realizadas entrevistas semiestruturadas com gestores e alunos, buscando compreender os desafios e as ações institucionais, bem como as motivações e aprendizagens da mobilidade acadêmica para o aluno. A entrevista semiestruturada, segundo Prodanov e Freitas (2013), consiste na obtenção de informações de um entrevistado sobre determinado assunto ou problema. De acordo com Manzini (2004), a entrevista semiestruturada está focada em um assunto sobre o qual elabora-se um roteiro de perguntas principais, o que segundo o autor pode auxiliar em uma coleta de informações de forma mais livre, em que as respostas não estão padronizadas e condicionadas a alternativas pré-estabelecidas. Foram estruturadas em 13 questões para o Gestor envolvido no processo de mobilidade acadêmica e 14 questões para os alunos participantes do processo de mobilidade acadêmica. Os roteiros foram apresentados nos apêndices A e B.

3.5 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS

Os instrumentos para coleta de dados foram aplicados e analisados mediante a prévia autorização das Instituições por meio dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido Institucional (Anexo A).

As entrevistas foram realizadas com alunos que passaram pela experiência da mobilidade acadêmica internacional e com os gestores institucionais que participam no processo de orientação e preparação dos alunos. As entrevistas com os alunos e gestores foram gravadas pessoalmente nas instituições de ensino estudadas, em horário e local definidos por eles. A coleta de dados foi realizada mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Maiores de 18 anos. (Anexo C)

3.6 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS

Foi realizada uma análise qualitativa de conteúdo, que, segundo afirmação de Prodanov e Freitas (2013), esse processo é definido como uma sequência de atividades, que envolvem a redução dos dados, a sua categorização e sua interpretação.

A análise qualitativa de conteúdo se faz interessante para a pesquisa, pois, de acordo com Pondé, Mendonça e Caroso (2009), permite avaliar não apenas a pergunta de investigação, mas também os dados que surgem nas entrevistas, relativas às ideias do entrevistado e que escapam ao objeto de pesquisa inicialmente investigado.

De acordo com Mozzato e Grzybovski (2011), a análise de dados significa uma metodologia de interpretação e vem sendo utilizada com frequência nas pesquisas qualitativas. Segundo as autoras, essa análise é caracterizada por decodificações das informações, bem como etapas de interpretação pré-definidas.

Considerando Bardin (1979, p.31), a análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Um instrumento caracterizado por conter uma “grande disparidade de formas”, podendo ser adaptado a um vasto campo de aplicação como a comunicação. A análise de conteúdo é um método “muito empírico, dependente do tipo de fala que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo”.

Oliveira (2008, p.570) ressalta essas características apresentadas por Bardin (1979), reafirmando que esse tipo de análise possui muitas aplicações e também que os procedimentos variam de acordo com o objetivo da pesquisa. A autora chama a atenção para a necessidade de submissão da pesquisa para que ela obtenha “valor científico” e siga “algumas regras precisas que a diferenciem de análise meramente intuitiva”. A aplicação dessa análise, segundo a autora, possibilita o acesso a diversos conteúdos como, por exemplo:

Implicação do contexto político nos discursos; exploração da moralidade de dada época; análise das representações sociais sobre determinado objeto; inconsciente coletivo em determinado tema; repertório semântico ou sintático de determinado grupo social ou profissional; análise da comunicação cotidiana, seja ela verbal ou escrita (OLIVEIRA, 2008, p. 571).

De acordo com as indicações de Richardson (2008), a análise qualitativa do conteúdo das entrevistas passa por três etapas: pré-análise, categorização e interpretação, desenvolvidas na presente pesquisa da seguinte forma:

A primeira etapa, a **pré-análise**, se construiu na fase de organização dos discursos dos participantes por indicadores de assuntos que fundamentassem a interpretação final. Esses indicadores foram determinados na pesquisa com base no referencial teórico e nos aspectos abordados nos instrumentos.

Na segunda etapa, **categorização**, foram construídas categorias de análise com base nos indicadores ou elementos levantados pela pré-análise. Cada categoria foi acompanhada por uma lista de elementos relevantes à discussão do tema. Dessa maneira, a partir do conteúdo das entrevistas aos gestores, foram elaboradas quatro categorias com respectivas subcategorias, como seguem: **Categoria 1** – Internacionalização das Instituições de Ensino Superior, formada por três

subcategorias: processos, estratégias e grade curricular; **Categoria 2** – Processo de Mobilidade Acadêmica Internacional, com as subcategorias estímulo à Mobilidade Acadêmica Internacional, preparação e acolhimento do aluno, atuação da instituição no retorno do aluno; **Categoria 3** – Desafios em Mobilidade Acadêmica Internacional, subdividida em instituição, alunos e minimizar dificuldades e aprimorar atuação; **Categoria 4** – Benefícios da Mobilidade Acadêmica Internacional – visão do gestor, dividida na subcategoria aluno, que foi ainda subdividida em cultura, pessoal e profissional e instituição.

Na entrevista aos alunos, a análise de conteúdo gerou 3 categorias, que foram subdivididas em subcategorias, conforme segue: **Categoria 1** - Avaliação das experiências e impressões, subdividida na subcategoria Impressões/ Percepções e na subcategoria Valor da Experiência. **Categoria 2** - Dificuldades, subdividida na subcategoria Antes da Viagem e na subcategoria Durante a Viagem. **Categoria 3** - Benefícios, subdividida na subcategoria Pessoais e na subcategoria Profissionais.

Na terceira etapa, **interpretação**, foram feitas as inferências e interpretações em referência aos objetivos propostos pela pesquisa e ao referencial teórico que a embasou.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM GESTORES

Categoria 1 – Internacionalização das Instituições de Ensino Superior

Nesta categoria, representada na Figura 1, apresenta-se a visão dos gestores sobre a internacionalização, os processos que possuem as instituições e suas percepções sobre esses processos.



Figura 1: Categoria 1 - Internacionalização das Instituições de Ensino Superior

Fonte: Elaborada pela autora

Como se percebe na Figura 1, as instituições pesquisadas participam ativamente dos **processos** de mobilidade acadêmica existentes e a organização mantenedora proporciona oportunidade para seus alunos, disponibilizando um programa próprio de mobilidade, como afirmam PG1 e PG2:

PG1: Os programas oferecidos, O programa cultural do Centro Paula Souza, oferece um mês de curso no idioma, seja espanhol ou inglês. É...já os programas oferecidos pelo programa Santander já oferece um período relacionado ao curso no qual ele está matriculado na Unidade Fatec, ficando lá por um período de 6 meses. O programa da Fullbrighth eles oferecem um ano lá no exterior, fazendo algumas disciplinas relacionadas ao curso dele aqui no Brasil.

PG2: a mantenedora,[..] sim, com várias instituições em diversos países: Argentina, Chile, México, Espanha, Portugal, Estados Unidos, Nova Zelândia e Inglaterra.

Percebe-se que, apesar do pouco tempo de permanência no exterior, os programas possuem uma grande representatividade na construção do processo de mobilidade acadêmica internacional das instituições. Além dos programas mencionados, ainda existe uma parceria com Harvard e a Universidade Tecnológica de Buenos Aires. A participante PG2 relata ainda a participação de um professor de Portugal, que por duas vezes esteve na sua Unidade de Ensino para palestras e workshops aos professores. Isso ressalta ainda mais a relevância de um processo de internacionalização que englobe a Instituição como um todo, proporcionando aos professores e alunos contato direto com vivências internacionais.

As respondentes afirmam a necessidade de se desenvolver **estratégias** visando o crescimento das parcerias entre as universidades e o aumento dos números de mobilidade acadêmica na instituição, como se percebe na fala da respondente PG2:

PG2: [...] mas ainda faltam algumas outras questões burocráticas pra gente conseguir deixar isso mais acessível neh, pra todos [...].

PG2: É...a Fatec Guaratinguetá... ela tem as portas abertas assim...sempre que for sugerido professores do exterior por exemplo, uma vez nós indicamos um professor de Portugal, deu muito certo, depois ele voltou...ele veio pra uma palestra, depois ele voltou, ele veio pra um workshop deu certo. É...outras oportunidades futuras por exemplo de um professor da Espanha vir pra cá, eles têm as portas abertas. Parcerias com alunos de universidades estrangeiras para oferecer monitoria em língua estrangeira, também é bem recebido.

Observa-se, na fala da respondente PG2, que o processo em direção à internacionalização já traz algumas contribuições para a instituição, como a vinda de professores estrangeiros e o fato de haver instituições internacionais com **portas abertas** para a instituição estudada. Fato que a autora Stallivieri (2004) afirma ser relevante para que a cooperação internacional entre instituições de ensino superior cumpra seu papel de constante atualização científica e assim exista a possibilidade de gerar, disseminar e trocar conhecimentos entre as instituições.

Percebe-se com o relato dos respondentes que a busca por essas parcerias ainda está em fase inicial e que as instituições aprendem com a experiência e no decorrer do desenvolvimento dos processos. Como afirma a participante PG2, no contato com outras faculdades, na **opção por instituições internacionais**, buscavam-se instituições muito semelhantes para que o processo de adaptação e aceitação fosse mais tranquilo e, num outro momento, buscaram-se instituições de ensino superior sem a preocupação com a semelhança, e a participante PG2 considera que os resultados foram mais proveitosos.

PG2: É interessante que num primeiro momento nós buscamos uma instituição muito semelhante e dessa segunda vez nós já buscamos uma instituição superior e eu achei mais proveitoso.

Quando menciona-se semelhança entre as instituições, trata-se não apenas de grade curricular, mas semelhanças culturais, estruturais, na forma de ensino-aprendizagem. Observa-se que o resultado, como relatado pela participante PG2, foi mais interessante quando os alunos tiveram a oportunidade de conhecer instituições com níveis mais elevados, considerando a instituição que frequentam no país de origem. Como foi afirmado por Guimarães (2013), é importante inserir o aluno no contexto mundial, possibilitando expandir seus conhecimentos sobre os problemas enfrentados pelo seu país e por outras nações. O contato com formas diferentes de ensinar, estruturas diferentes de organizações de ensino levam o participante a um ganho de experiência muito maior, a uma construção e a um conhecimento muito mais ricos.

Ainda assim, mesmo com algumas redes de contatos estabelecidas por professores das instituições, é destacado também o fato de que o assunto mobilidade acadêmica internacional é recente e por esse motivo precisa de um **cuidado mais específico**, como afirmam as participantes PG2 e PG1:

PG2: É tá muito no início...é...a gente tem que ter uma pessoa cuidando sim, acredito que não só uma pessoa, é necessário neh...um grupo, pra cuidar disso.

PG1: Uma pessoa específica ou um professor para que possa tratar especificamente desses intercâmbios.

Duarte *et al.* (2009) e o IIE (2014) ressaltam a relevância do papel docente para a internacionalização das instituições, inspirando os alunos a serem curiosos e engajados a compreenderem questões mundiais, bem como influenciar na construção de currículos internacionais desses alunos, na formulação de programas de intercâmbio e no estabelecimento de parcerias entre instituições.

Stallivieri (2004) ressalta a importância do entendimento pelas instituições, que há a necessidade de reforçar e aperfeiçoar os processos que já existem, bem como acelerar o desenvolvimento de estratégias de internacionalização. A autora chama a atenção para os impactos da falta de uma estratégia tanto para a instituição quanto em níveis governamentais. Uma melhor organização do processo dentro da instituição já possibilita o desenvolvimento de resultados concretos e ganhos tanto para a instituição quanto para os participantes.

Quanto à subcategoria **grade curricular**, percebe-se que existe uma preocupação das instituições e já detecta-se um movimento em direção a tornar essas **grades flexíveis** para aproveitamento de cursos internacionais. PG1 exemplifica, quanto ao programa ibero-americano oferecido pelo Banco Santander, que a **definição das disciplinas** que serão cursadas no exterior é realizada juntamente com os professores do curso na instituição de origem, “para que nós possamos fazer com que os alunos tenham algumas experiências nas disciplinas equivalentes aqui no nosso curso”. Já a participante PG2, apesar de não possuir conhecimento sobre o assunto, afirma que os alunos não têm problema quanto ao

aproveitamento das disciplinas, justamente pelo estabelecimento de acordos e maior proximidade das instituições com as organizações de ensino estrangeiras.

Os elementos identificados revelam o que os autores Donini e Santos (2011) afirmam em seu artigo, que a internacionalização da educação superior teve um avanço muito significativo mundialmente. Como se percebe na história do ensino superior, as instituições são, por essência, internacionais e a busca por informações de todas as partes do mundo visando gerar inovações globais não é um fato recente, mas cresce constantemente.

Morosini (2006, p.116) afirma que a “internacionalização é a marca das relações entre as Universidades” e que o “mundo está se movendo na direção de internacionalizar a educação superior usando energias da academia e respondendo às necessidades do mercado”.

Freitas (2009, p. 250) acrescenta que a palavra “intercultural” está em destaque no mundo acadêmico “desde que o mundo tornou-se menor”.

A flexibilização das grades curriculares também se mostra de grande relevância no processo de internacionalização das Instituições de ensino, como afirma Stallivieri (2009), pois permite o aumento do número de jovens com essa experiência em seu currículo, possibilitando assim com que muitos alunos tenham a oportunidade de **realizar parte de seu curso em instituições internacionais**. A autora cita ainda as diferentes formas de flexibilizar o currículo, como a inserção de disciplinas eletivas e até o reconhecimento da experiência como atividade complementar.

Internacionalização no contexto da Educação Superior tem como objetivo o “desenvolvimento humano através do intercâmbio de saberes” e diversificar o conhecimento por meio do contato com outras culturas (MERÇON; RODRIGUES; SANTOS, 2011, p.12).

Categoria 2 – Processo de Mobilidade Acadêmica Internacional

Esta categoria revela, por meio de suas subcategorias, como as instituições de ensino desenvolvem o processo de mobilidade acadêmica. Considerando a subcategoria **estímulo à mobilidade acadêmica internacional** um ponto destacado pela gestora PG2, que trabalha com o ensino de língua espanhola, é a preocupação

em estimular o aluno a se reconhecer dentro do seu país, da sua cultura, dos seus costumes, como se pode identificar na fala da respondente a seguir:

PG2: E nós....eu acredito que o brasileiro em si, ele tem uma certa dificuldade de se reconhecer latino-americano, então a minha preocupação também foi proporcionar isso, eu também sou parte desse continente, eu não sou só Brasil, eu tenho características comuns de colonização, de estruturas sócio-políticas, apesar do idioma, então a experiência é muito interessante por isso.

A gestora PG2 chama ainda a atenção para a necessidade de se estimular a participação dos docentes na etapa de estruturação e organização dos processos de mobilidade, visto que “*sobra pouco tempo pra ele se dedicar*”, e ela acredita ainda que as oportunidades seriam melhor aproveitadas se houvesse dedicação maior para desenvolver as ações de internacionalização da instituição. A participante PG2 ressalta ainda que os projetos de mobilidade partem dos professores, “*é ele que corre atrás de toda a estrutura de alojamento, de curso de formação*”. Ela destaca que não existe um projeto estruturado na Unidade para nortear a construção dos processos de internacionalização, conforme percebe-se na Figura 2.



Figura 2: Categoria 2 – Processo de Mobilidade Acadêmica Internacional

Fonte: Elaborada pela autora

Como estímulos à mobilidade acadêmica internacional foram relatados pela participante PG1 que a grade curricular da instituição oferece a disciplina de inglês em todos os semestres do curso, e que o contato com alunos que já passaram pela experiência é incentivado por meio de palestras organizadas pela instituição. Percebe-se ainda o fato de os gestores estimularem os alunos a participar, ressaltando que a experiência pode ser benéfica, como afirma o PG1:

PG1: Tentando colocar para o aluno que um investimento talvez para nós seja um pouco menor, porém pra eles parece ser um grande investimento que futuramente isso poderá trazer coisas muito boas e que de repente vá ser 10 vezes mais daquilo que ele investiu.

Além de incentivar a realização da experiência, há a preocupação com o conhecimento e a vivência adquirida. Uma vivência crítica, que possa proporcionar ao aluno uma visão ampla de vários aspectos, como afirma PG2, se posicionar no contexto não só nacional, mas continental. Entender que cada país possui suas características específicas, mas que todos fazem parte do mesmo continente. A gestora se refere a um curso de língua espanhola, ministrado no Chile com a participação de alunos da instituição. A participante PG2 afirma ainda que há a preocupação com que o aluno tenha contato com o idioma estudado, a partir da vivência no ambiente em que ele é originalmente utilizado.

Percebe-se, mediante entrevistas, que o **preparo e acompanhamento do aluno** no processo de mobilidade acadêmica ainda é fator a ser desenvolvido nas unidades estudadas. As gestoras entrevistadas destacam, mais uma vez, a inclusão do ensino da língua inglesa em todos os semestres e da língua espanhola como ponto importante também nessa preparação. Os professores também têm a oportunidade, de acordo com PG1, de participar de um curso de línguas no exterior pelo período de um mês para que depois eles possam acompanhar os alunos em suas viagens. A participante PG2 informa em sua fala que a preparação acontece informalmente em sala de aula, pelos professores de línguas estrangeiras.

PG2: Muitas vezes o convívio em sala de aula, nas aulas de idiomas, muitas vezes no qual o professor tem a oportunidade de tocar nesse assunto, falar sobre realidade de viagem, comportamentos em aeroportos, hotéis, reservas...situações problemas pros alunos, mas não há um... lógico quando um aceita participar do programa ele tem algumas reuniões e também ele entra em contato com agências de turismo, profissionais da área que auxiliam o aluno em todo o processo, documentação, reserva, como se portar, mas... é o convívio mesmo em sala de aula ou nessas reuniões pra embarque, vamos dizer assim, que são realizadas com os alunos.

Os elementos da subcategoria **atuação da instituição no retorno do aluno** revelam que não há um trabalho desenvolvido nesse sentido, como pode-se observar nos depoimentos dos participantes PG1 e PG2:

PG1: [...] porém ter um controle sobre como ele atua no mercado, o que isso o ajudou nós não temos.

PG2: Então eu acredito que falta da minha parte e também da parte da instituição promover mais esses alunos que realizam o projeto e...mostrar pra outros qual foi a experiência...fazer realmente um evento disso....não faz, hoje não fazemos.

Ambas as entrevistadas relatam que os alunos que participam dos processos são concluintes e normalmente não retornam à instituição após a viagem, o que elas consideram fator crítico para o desenvolvimento de uma orientação desses alunos.

A autora Pinho (2002) ressalta a relevância da experiência de mobilidade acadêmica internacional, afirmando que o aluno tem contato com várias situações específicas e problemas concretos, o que, segundo ela, desenvolve nas pessoas a habilidade de tomar decisões de maneira rápida e eficaz. A autora ressalta ainda que essa tomada de decisões implica utilizar competências pessoais e de relacionamento interpessoal, o que contribui para o desenvolvimento do indivíduo.

Desenvolvimento esse que deve ser o foco principal das instituições de ensino superior, quebrando os muros impostos pelas grades curriculares e buscando uma formação ampla que vem de dentro para fora do aluno. A mobilidade

acadêmica se insere nesse contexto de desenvolvimento humano por todas as experiências que ela proporciona e que são enraizadas nas pessoas promovendo essa formação transnacional.

Freitas (2009) menciona a mobilidade acadêmica como “um novo capital social”, uma resposta às necessidades atuais de “entender, interagir e integrar pessoas, grupos, organizações e nações diferentes” (p. 257). Por isso, há a necessidade que as instituições de ensino preparem seus alunos para vivenciarem essa experiência, com eficácia, aproveitando todos os ensinamentos que ela pode oferecer. Tratar a mobilidade acadêmica apenas como uma viagem ou um passeio em um país estrangeiro é desconsiderar todas as oportunidades de crescimento que se pode ter.

Categoria 3 – Desafios em Mobilidade Acadêmica Internacional

A categoria três apresenta os desafios que enfrentam as instituições e os alunos e como se busca minimizar as dificuldades encontradas, visando desenvolver progressivamente a atuação das instituições em mobilidade acadêmica internacional.

Os **desafios enfrentados pela instituição** passam pelo perfil dos alunos que não tratam a mobilidade acadêmica internacional como algo possível em suas vidas ou como fator importante de crescimento. De acordo com a entrevistada PG2, os alunos da região na qual se localiza a instituição buscam a faculdade como uma possibilidade de “mudar de vida”, uma oportunidade de conquistar realizações profissionais, mas a experiência internacional não está presente em seus planos quando iniciam a faculdade.

PG2: eles não têm uma ambição de sair de buscar coisas novas, o que torna um pouco mais difícil colocar na ideia desses alunos que um intercâmbio é muito importante para que ele possa crescer profissionalmente e ter o conhecimento de outras culturas de outros países.

A entrevistada PG2 considera o fator burocrático a maior dificuldade enfrentada pela instituição, “*ela é travada pelo sistema e isso a impede de fazer acordos, de promover acordos, né, isso é um empecilho*”. Mesmo havendo a possibilidade de acordos com Instituições internacionais, muitas vezes a burocracia faz com que oportunidades sejam perdidas. Outro ponto importante levantado pela participante é o fato de a instituição ser pública, o que aumenta a burocracia e restringe um pouco o andamento dos processos. Promover programas de intercâmbio com custo zero para o aluno também é uma dificuldade, já que ele acaba tendo de custear alguns procedimentos. Conforme demonstrado na Figura 3.

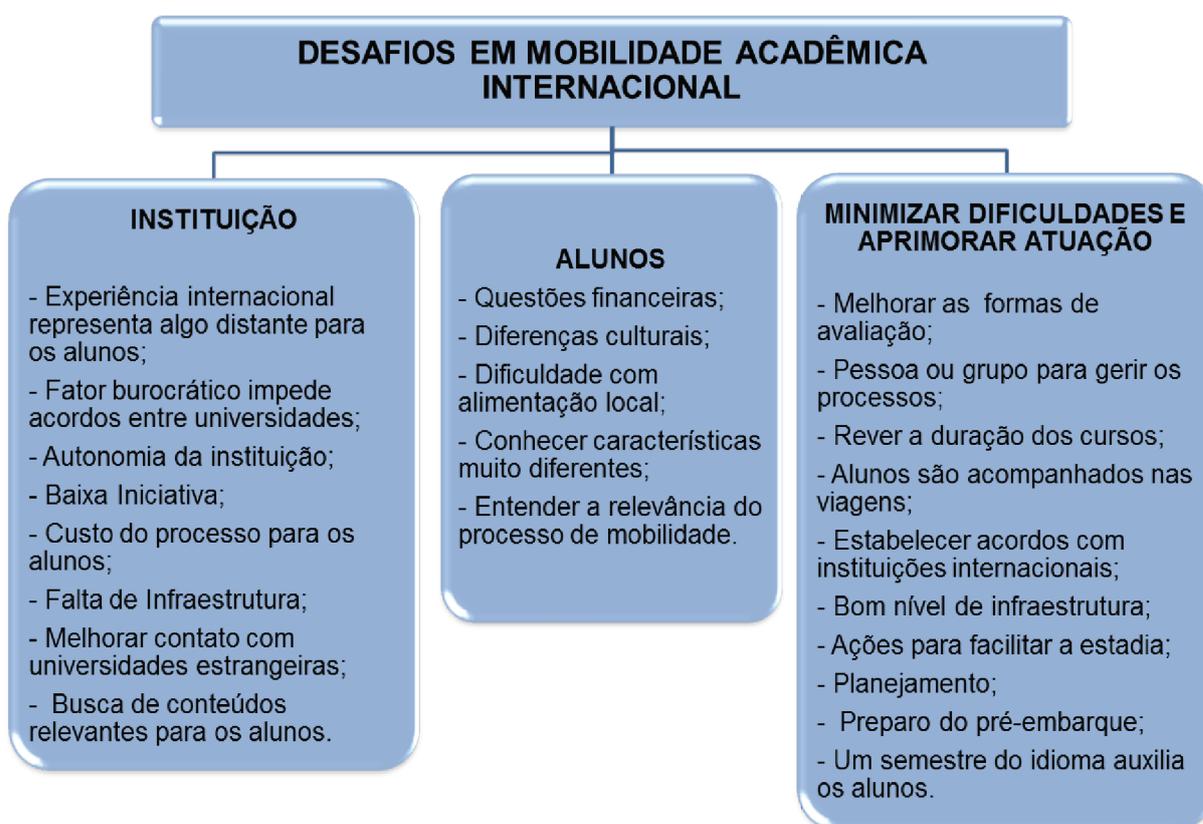


Figura 3: Categoria 3 - Desafios em Mobilidade Acadêmica Internacional
Fonte: Elaborada pela autora

PG2: Formarmos parcerias assim, com...pela falta muitas vezes dessas características e aí pelo fato do aluno ter de pagar...ter de custear, acaba sendo um empecilho. Então eu acredito que isso seja um fator aí, bem, decisivo e limitar pra todo mundo.

Questões relativas à falta de infraestrutura, como alojamento e refeitório para alunos, foram abordadas nas entrevistas, pela participante PG2, quanto à possibilidade da vinda de alunos estrangeiros para a instituição. A entrevistada ressalta ainda que “*essas são questões sérias que a gente tem de pensar antes de promover uma ação assim*”. Outro ponto levantado pela participante se refere ao curso superior tecnológico, que é encontrado em outros países, porém na América Latina, por exemplo, “*nem todas essas instituições são abertas para intercâmbio*”. Assim informa a entrevistada que ressalta o esforço em buscar conteúdos relevantes para os alunos, mesmo em instituições que não possuem cursos tecnológicos.

Na subcategoria **alunos**, percebe-se que a dificuldade financeira é ponto chave na participação de intercâmbios e outros processos de mobilidade acadêmica internacional. PG1 afirma esse ponto em sua colocação “*Praticamente a maior dificuldade é financeira para tirar passaporte, pagar as taxas necessárias, seguro*”. A participante PG2 destaca as questões culturais como fatores de dificuldade, ressaltando importância dessa vivência para os alunos.

PG2: Então eu acredito que são questões culturais muitas vezes que eles se chocam, né? O fator cultural eu acredito, comida né...a maneira de se vestir, de se portar, de falar. O brasileiro em si é muito expansivo, então quando ele está em uma outra cultura, frente a uma outra cultura, é...ele...começa a perceber todas essas características e isso é muito legal.

Como afirma a entrevistada PG2, os alunos conseguem perceber as diferenças e veem como uma experiência positiva “[...] *acho que enriquece. Os aspectos positivos superam os negativos, sem dúvida*”. Diante dos desafios apresentados, a instituição precisa buscar **ações para minimizar as dificuldades e aprimorar sua atuação** em programas de mobilidade acadêmica. De acordo com a opinião da gestora PG1, melhorar as formas de avaliação dos alunos selecionados, disponibilizar uma pessoa que se dedique integralmente a coordenar os processos e ampliar o período de duração dos cursos são pontos de ação a serem aperfeiçoados.

Bem como também a participante PG2 destaca ações que a instituição já busca realizar, como o acompanhamento de alunos ao exterior por professores que fornecem todo respaldo diante de situações diversas enfrentadas no país estrangeiro. Ela destaca auxílio com problemas de saúde, adaptação, problemas com cartão de crédito entre outros, o que torna a estadia do aluno mais tranquila. Ações como conhecer a instituição com a qual se estabelece o acordo, verificar se *“tem a ver com a realidade dos nossos alunos, se tende a contribuir, a somar”*, atentar para a infraestrutura oferecida, para a qualidade dos serviços, são citadas pela participante PG2. Um ponto de relevância abordado é o planejamento, essencial para quase todos os aspectos de uma organização de ensino.

PG2: Planejamento, muitas vezes isso é pensado com 6 meses de antecedência pra reserva dos voos, uma melhor época, né, pra não ter problema com o ano letivo deles, então isso é pensado também. Então as ações vão desde...desse preparo do pré-embarque, da melhor época, até esses detalhes de infraestrutura, alojamento.

Considerando todo histórico e crescimento dos processos de mobilidade acadêmica pelo mundo inteiro, Neves e Norte (2009, p.4) afirmam que a efetividade de um processo de intercâmbio significa muito mais que a adaptação de currículos entre as instituições de ensino, eles ressaltam que *“ter comportamento efetivo em um intercâmbio é simplesmente viver feliz e confortável e ter sucesso acadêmico em uma nova forma de cultura”*. A efetividade de um processo de intercâmbio deve ser estendida e benéfica a todos os envolvidos.

Miura (2006) enumera os fatores responsáveis pela inibição dos processos de internacionalização: falta de recursos financeiros; pressões para atender as necessidades imediatas, como o acesso de estudantes de baixa renda às universidades; postura conservadora por parte dos acadêmicos e corpo administrativo das instituições e receio de perder as tradições acadêmicas locais ou nacionais. A autora relata também problemas como dificuldade na avaliação de programas e iniciativas internacionais e o fato de os países desenvolvidos dominarem grande parte dos projetos ou intercâmbios.

A dificuldade de sair da “zona de conforto” e o medo do inesperado, do desconhecido representam barreiras ainda a serem transpostas pelas organizações, considerando os alunos e a própria instituição. Freitas (2009) aborda esse tema ressaltando que o indivíduo dependente da sua rotina, do conforto e facilidades do lugar onde mora ou do lugar em que estuda, poderá futuramente ter problemas. Segundo a autora terá dificuldades ao enfrentar situações para as quais não está preparado, “[...] quanto mais confortável e arraigado o indivíduo está em seu *habitus*, mais dificuldade ele terá em ser móvel e em enfrentar situações que requerem sempre novas disposições”.

Categoria 4 – Benefícios da Mobilidade Acadêmica Internacional – Visão do Gestor

A categoria 4 apresenta o olhar do gestor, quanto aos benefícios de um processo de mobilidade acadêmica para os alunos e para a instituição. Na subcategoria alunos percebe-se a divisão em três aspectos de análise, benefícios em termos culturais, na vida pessoal e no âmbito profissional.

Na subcategoria **aluno**, o aspecto cultural levantado pelas entrevistas se refere às experiências com as diferenças encontradas nos meios de transporte, principalmente os coletivos, na organização geral das cidades visitadas. Acrescentam-se, na dimensão cultural, os aspectos relacionados à forma de se vestir em outros países, os hábitos alimentares e as questões políticas. Ressalta-se que o contato com o diferente é algo impactante para os alunos e os gestores percebem alterações relevantes no comportamento dos alunos e na forma de entender o mundo. PG2 afirma que:

PG2: os benefícios, eles são...o aluno ele vem com uma cabeça diferente, ele não volta o mesmo, é impossível ele voltar o mesmo. Então ele volta pelo menos mais tolerante, sabe? Ele volta mais crítico, porque ele conhece uma outra realidade.

Quanto ao aspecto pessoal são elencados benefícios como disse PG2: “*ele começa a se entender e se ver como cidadão*”, lidar com as diferenças, perceber

que elas existem, “isso tudo faz o aluno ter uma visão muito ...muito ampla”. No aspecto profissional PG1 destaca a importância dos idiomas para o mercado de trabalho.

PG1: Melhor desempenho no mercado profissional, hoje em dia um idioma, não somente o inglês, mas outro idioma é importantíssimo. Atualmente as empresas já têm em mente que o aluno ou profissional já saiba o inglês assim como o português, então eles já buscam um segundo idioma seja o alemão, o mandarim, então isso é importante para nossos alunos.

Podem-se observar os elementos analisados na Figura 4.

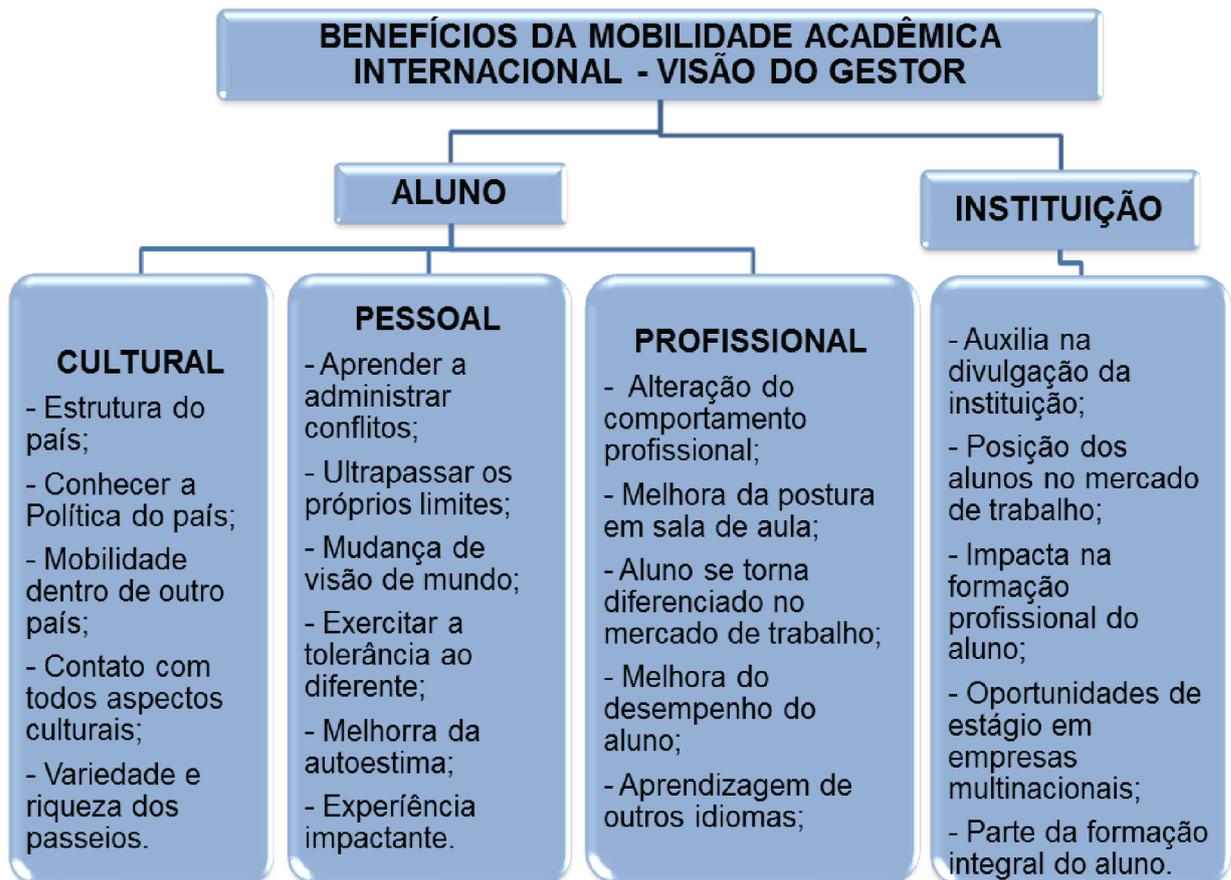


Figura 4: Categoria 4 – Benefícios da Mobilidade Acadêmica Internacional – Visão do gestor
Fonte: Elaborada pela autora

Considerando ainda o mercado de trabalho, PG2 ressalta a importância da vivência internacional adquirida por meio do ambiente acadêmico, mesmo que por

um curto período. Ela acredita que ações como tirar um passaporte, passar pela migração de um país, ou até mesmo viajar de avião, são importantes para o processo de formação de aluno. Essas experiências asseguram que o aluno esteja preparado para futuras oportunidades que possam aparecer: *“a oportunidade ela vem né, e você tem de tá preparado pra ela”*.

Outra questão relevante abordada pela participante PG2 é a oportunidade que os alunos têm de conhecer países mais desenvolvidos, *“[...]que já superou ou que supera melhor os problemas que o dele”*.

PG2: Então ele começa a olhar, a perceber que um país pra ser desenvolvido, ele muitas vezes não precisa ser rico em território, né em aspectos geográficos, naturais, enfim. Mas basta ele ter muitas vezes é uma política de fronteira, é questões econômicas acessíveis fáceis de entender, então isso tudo faz o aluno ter uma visão muito, muito ampla. E pro gestor isso é imprescindível, pelo menos a meu ver.

Neves e Norte (2009) destacam as competências que devem ser buscadas pelos indivíduos que desejam passar por uma experiência no exterior: conhecimento da cultura do país hospedeiro e boa vontade para interagir com tal cultura; conhecimento razoável do idioma, para casos emergenciais pelo menos; habilidade de comunicação e interesse em conhecer pessoas; motivações pessoais compatíveis com os objetivos do projeto, não só motivações financeiras e/ou turísticas; expectativas realistas em relação às condições de vida no país hospedeiro; tolerância, iniciativa e habilidade para ouvir.

Neves e Norte (2009) ainda apontam algumas atitudes e percepções que contribuem para insucesso do intercâmbio: falta de proficiência no idioma do país hospedeiro; preconceito com relação a costumes e produtos regionais; etnocentrismo; hábitos alimentares diferentes e diferente comichidade.

No que diz respeito à expansão da mobilidade acadêmica nas Instituições de Ensino Superior e considerando que cada vez mais alunos têm acesso aos intercâmbios e cursos no exterior, vale ressaltar que existe a necessidade de um preparo tanto da instituição quanto do participante para que esse processo seja aproveitado.

Dalcin (2011) afirma que a mobilidade é uma das formas mais relevantes para os indivíduos aperfeiçoarem sua empregabilidade e seu desenvolvimento pessoal, principalmente estudantes de nível superior.

O preparo da instituição de ensino é fundamental para se posicionar em um contexto no qual organizações e indivíduos desenvolvem a sua mobilidade e são cobrados a estar sempre em movimento, buscando conhecimento, participação social e ascensão profissional e pessoal.

Retomando as ideias de autores como Sen (2000), Martins (2004) e Oliveira (2002), onde ressaltam que o capital e o social são aspectos que se complementam na composição do conceito de desenvolvimento, percebe-se a representatividade do Ensino Tecnológico nesse contexto. Considerando que o Ensino Tecnológico considera a formação social do aluno e também sua preparação para o mercado de trabalho gerando capital monetário.

Os gestores relatam as dificuldades institucionais e acadêmicas, mas também ressaltam a relevância de se voltar o olhar para a experiência internacional e seus impactos positivos na formação dos alunos.

4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM ALUNOS

Os alunos entrevistados participaram do Programa de Intercâmbio Cultural oferecido pela mantenedora das instituições estudadas e, como foi descrito anteriormente, o programa oferece curso intensivo de idiomas com duração de 4 semanas. Todos os alunos participantes da pesquisa permaneceram esse período no exterior.

A maioria dos alunos foi para os EUA e realizaram um curso intensivo do idioma inglês. Como se observou anteriormente, de acordo com publicação da Associação BELTA (2013) os EUA está em segundo lugar no ranking de países mais procurados para viagens de intercâmbio, em primeiro lugar se encontra o Canadá.

A busca por países mais desenvolvidos é histórica e tradicional, principalmente por indivíduos que pertencem a países em desenvolvimento. Dentre

muitos fatores, Castro e Cabral Neto (2012) salientam que o fato de a educação ser reconhecida como fonte produtiva faz com que países em desenvolvimento busquem conhecimento em centros e universidades mais desenvolvidos e em países nos quais o alto grau de tecnologia se torna um diferencial.

Porém, a tendência de internacionalização para a América Latina também é abordada por Castro e Cabral Neto (2012), que tornaram esse assunto tema principal de um artigo. Eles ressaltam que o fato de existirem universidades bem conceituadas, ainda predominam instituições com pouca tradição acadêmica e capacidade de produção científica limitada, o que pode contribuir para a baixa procura desses países na realização de intercâmbios.

Rosa (2003, p. 86), aborda a crescente disseminação da necessidade de se aprender outro idioma, por exemplo o inglês, o tornando uma “senha de acesso para o mercado de trabalho”. Ela afirma que as mídias também são responsáveis por essa disseminação e por colocar o idioma como fator preponderante à qualquer oportunidade de emprego. A autora questiona o fato de se cobrar o aprendizado de idiomas de maneira tão generalizada, como se todas as vagas de emprego necessitassem de tal habilidade e como se essa habilidade fosse fator determinante de empregabilidade, se tornando um fator de exclusão para muitos indivíduos.

Já Santos e Santos (2008) afirmam que o mercado procura profissionais com esse conhecimento e que aqueles que o possuem estão em vantagem, pois dominam um idioma utilizado mundialmente.

Independente das contradições, passados alguns anos dos textos acima, não se pode ignorar o fato de que a globalização está impactando o mundo há décadas de maneira cada vez mais revolucionária e transformadora. E a relação das pessoas com idiomas estrangeiros, principalmente o inglês, é cada vez mais estreita e almejada. O aprendizado da língua foi socializado pela própria evolução da tecnologia e da comunicação.

Observa-se no Quadro 2 os cursos aos quais esses alunos pertencem, o país no qual eles realizaram o curso e o curso realizado no exterior. Ressalta-se o fato de que todos realizaram curso de idiomas nos países visitados.

Para a pesquisa, foram entrevistados 8 alunos que participaram de processos de mobilidade acadêmica internacional, a caracterização do perfil desses participantes é apresentado no Quadro 3. Observa-se que a maior parte dos alunos está entre 20 e 25 anos, são do sexo feminino. Metade dos participantes tinha

conhecimentos básicos no idioma do país visitado, sendo que apenas um participante já possuía um conhecimento mais avançado.

Participante	Curso	País/ Cidade	Período	Curso realizado
PA1	Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial.	Argentina	40 dias	Coined International. Curso intensivo de Espanhol.
PA2	Curso Superior de Tecnologia em Informática-Banco de Dados.	Nova Zelândia / Auckland.	40 dias	Intensive General English course.
PA3	Curso Superior de Tecnologia em Informática-Banco de Dados.	EUA / Boston.	40 dias	Inglês intensivo.
PA4	Curso Superior de Tecnologia em Redes de Computadores.	EUA / Chicago.	40 dias	English Imersion – Kaplan.
PA5	Curso Superior de Tecnologia em Banco de Dados.	EUA / Chicago.	40 dias	English Imersion – Kaplan.
PA6	Curso Superior de Tecnologia em Logística	EUA / Boston.	40 dias	FLS Boston. Inglês.
PA7	Curso Superior de Tecnologia em Gestão Financeira.	EUA / Chicago.	40 dias	Intensive General English course.
PA8	Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial.	Argentina/ Córdoba.	40 dias	Curso intensivo de Espanhol.

Quadro 2 – Caracterização da Mobilidade Acadêmica Internacional dos alunos entrevistados
Fonte: Elaborado pela autora

O idioma mais utilizado foi o inglês. Três dos participantes já vivenciaram experiências internacionais, um dos participantes foi ao Chile a trabalho e outros dois participantes foram para a Argentina e o Chile com um grupo da Instituição em que estuda, para fins acadêmicos. O restante dos participantes nunca vivenciaram uma experiência internacional. O quadro demonstra um perfil jovem, sem muito conhecimento de língua estrangeira e pouca experiência internacional, o que torna os processos de mobilidade impactantes na vida desses alunos.

Faixa etária	
Entre 20 a 25 anos	05
Não responderam	03
Sexo	
Masculino	03
Feminino	05
Domínio do idioma antes da viagem	
Não	02
Sim	02
Conhecimento básico	03
Intermediário	01
Idioma utilizado	
Inglês	06
Espanhol	02
Experiência internacional anterior à viagem	
Não	05
Sim a trabalho	01
Sim acadêmica	02

Quadro 3: Caracterização da amostra alunos entrevistados
Fonte: Elaborado pela autora

Apresentam-se a seguir as categorias e suas subcategorias, bem como suas análises.

Categoria 1 – Avaliação das Experiências e Impressões

A Categoria 1, apresentada na Figura 5, retrata as impressões que os jovens tiveram a respeito da vivência como alunos em outros países e como eles perceberam essa vivência.

Busca relatar a vivência da mobilidade acadêmica sob o olhar do aluno, quais as experiências mais marcantes durante todo processo de mobilidade, como essas vivências e experiências refletiram na vida de cada um deles.

Na subcategoria **Impressões e Percepções**, observa-se que os alunos utilizaram todos os sentidos perceptivos, as sensações e emoções estavam aguçadas e eles puderam sentir tudo que estavam vivenciando.



Figura 5: Categoria 1 – Avaliação das Experiências e Impressões
Fonte: Elaborada pela autora

Dalmarco *et al.* (2012, p.14) descrevem a percepção como um processo no qual os indivíduos recebem estímulos e dão sentido a eles. Esses sentidos estão relacionados com vivências, memórias, expectativas, fantasias, crenças, atitude e com sua personalidade. “O elemento chave no processo de percepção é o indivíduo e não se limita a estímulos físicos, mas também da relação de estímulos do ambiente externo e condições interiores do indivíduo”.

A positividade da experiência fica explícita quando eles ressaltam que o “*período de estadia poderia ser maior*”, quando a aluna PA1 afirma, por exemplo, que “*não poderia ser melhor, ou melhor, poderia caso tivesse durado tempo maior*”. Os alunos que atenderam à solicitação de entrevista participaram do Intercâmbio Cultural fornecido pela Instituição de ensino, no qual os alunos passam quarenta dias estudando um idioma em outro país. Por esse fato eles acreditam ser um tempo pequeno para que possam usufruir de todas as opções do país visitado.

Ainda assim, esse período se revelou transformador e desafiador trazendo consigo uma série de percepções e impressões sobre o país visitado. Houve uma considerável percepção de melhora de autoestima, como ressalta a participante PA3, quando afirma que não acreditava muito em si mesma até conseguir ser

aprovada para o processo de mobilidade, considerando que o processo do Programa de Intercâmbio Cultural, como mencionado anteriormente, contempla os melhores alunos das Instituições.

PA3: Muito boa no sentido de crescimento pessoal, de você saber que você consegue, conseguiu, por mérito seu, um intercâmbio.

Como afirma Botta (2013), o intercâmbio sugere também uma mudança interior que reflete no indivíduo que o realiza. Segundo o autor, a percepção da realidade local interfere diretamente na visão de mundo dos participantes. Essa ideia é complementada por Tomazzoni e Oliveira (2013), quando os autores ressaltam que o intercâmbio constitui-se em uma experiência turística, cultural e educacional.

Nas falas dos participante PA1, PA5 e PA7 percebe-se o impacto da experiência:

PA1: Mais foi uma grande experiência vivida com um povo diferente e uma cultura diferente com que me identifiquei e gostei de conhecer.

PA5: É uma experiência única educacional e de vida, você conhece outras culturas, se torna mais tolerante.

PA7: Você aprende a se virar sozinho e tem que procurar resolver problemas por si mesmo. Então, ele traz mais maturidade e mais conhecimento para a sua vida. São experiências para a vida toda!

A diferença cultural foi relatada e ressaltada pela maioria dos estudantes. Nesta dissertação, percebe-se a questão cultural presente nos relatos das subcategorias **Impressões/ Percepções** e **Valor das Experiências** em que os elementos, *crescimento cultural; troca; convivência intercultural; pensar globalmente; comparação entre países; atenção ao novo, diferente; maior tolerância; respeito*, remetem a uma *mudança de visão de mundo* desses alunos.

Considerando Isse e Silva (2013, p.3), por meio de experiências culturais as pessoas compreendem suas escolhas, suas adesões e resistências, “acessamos e questionamos o conteúdo da memória coletiva – a tradição – de nosso povo”. Conhecer outra cultura proporciona ao indivíduo conhecer a própria cultura. A comparação entre modos diferentes de se comportar, os valores diferentes, a estrutura diferente, faz com que o olhar fique mais crítico e apurado e aquilo que era rotina e muitas vezes imperceptível ressalta aos olhos novamente.

O intercâmbio, ou qualquer processo de mobilidade acadêmica internacional que coloque um indivíduo em contato direto com uma cultura diferente da sua, representa um crescimento na sua formação cultural. Formação essa que possibilita, segundo Isse e Silva (2013, p.4), a vivência e o debate sobre diversidade cultural, as várias formas de se construir relações humanas, de “se produzir arte, ciência, política e educação”.

Os relatos de alguns participantes deixam claro que a vivência dessa diferença cultural foi muito relevante para que pudessem repensar, reconstruir as suas impressões sobre a própria cultura. E quando se discorre sobre impressões e experiências relevantes da mobilidade acadêmica vivida por eles o fator cultural se destaca:

PA1: Sim, porque é uma das melhores coisas desse mundo, conhecer, aprender, experimentar uma cultura diferente é sempre bom desbravar novos desafios e experiências.

PA7: Conhecer novas culturas, hábitos, conviver pessoas de todas as partes do mundo.

PA8: As pessoas do lugar devido a sua educação, carinho e respeito; Cultura diferente mesmo sendo país vizinho; Lugares maravilhosos.

PA3: Você conhecer um pouquinho da cultura e como dizia a frase do cartãozinho que nos deram no dia da entrevista. Você sempre volta diferente de uma viagem. E realmente é fato, você volta diferente, com um crescimento muito grande.

O texto do Relatório para UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (2006, p.85), ressalta a visão sobre educação, não servindo apenas para “fornecer pessoas qualificadas para o mundo da economia”. O texto observa o papel da educação na formação de agentes do desenvolvimento, construindo talentos e aptidões orientados para a construção de algo maior, de um ser humanizado que respeita o meio ambiente, as pessoas e a diversidade de tradições e culturas.

Finuras (2011) coloca os indivíduos em uma aldeia global em construção, na qual o tempo passa muito rápido e as diferenças culturais dessa aldeia chamam a atenção para o fenômeno da interculturalidade.

O mundo é um só, as pessoas já começam a sentir essa unificação, essa globalização. Não é preciso mais viajar tanto ou assistir aos jornais para entender a globalização, agora os indivíduos podem senti-la, tocá-la, dialogar com ela, vivê-la em seu cotidiano.

Weihermann e Silveira (2009), em um texto sobre o processo de ajustamento do intercambista no exterior, tratam sobre a experiência do choque cultural vivido pelos indivíduos. Também abordam a necessidade de adaptação dessas pessoas, a capacidade de integrar-se a uma nova sociedade, de se relacionar bem com a cultura local. Os autores trazem a visão da necessidade de aceitação mútua, tanto de quem chega ao país como estrangeiro, bem como daqueles que recebem pessoas de outros países, o que faz com que o choque cultural seja abrandado e a possibilidade de sucesso do intercâmbio seja maior.

PA3: Nossa não me sinto mais na minha casa! Lá é diferente...e...eu quase fui atropelada porque a cultura deles nesse sentido é muito interessante eles respeitam muito. Até mesmo o monitor do grupo brincou que ele esqueceu e atravessou a rua com tudo e ele mora em São José e quase que ele foi atropelado! E é legal e depois foi essa troca.

PA3: Olha, não tenho reclamação nenhuma, a casa que eu fiquei muito acolhedora, eu fiquei na casa com uma americana que era dona da casa e uma estudante da Arábia Saudita. Então era só nós três e foi muito legal!

PA5: A diferença cultural! Estar em uma cidade daquele tamanho extremamente organizada, limpa e com transporte público eficiente foram pontos que me deixaram fascinada.

PA6: Conhecer um novo país, uma nova cultura e fazer novos amigos.

Esse impacto cultural também está presente nas falas dos gestores, reafirmando o quanto a cultura pode-se tornar o grande diferencial e como ela tem o poder de reverter toda a atenção do estudante para ela. Percebe-se esse contexto na fala do Participante Gestor 2:

PG2: Então eu acredito que são questões culturais muitas vezes que eles se chocam, né? O fator cultural eu acredito, comida...né...a maneira de se vestir...de se portar...de falar...o brasileiro em si é muito expansivo... então quando ele está em uma outra cultura, frente a uma outra cultura, é...ele...começa a perceber todas essas características e isso é muito legal.

A convivência intercultural não traz benefícios somente para o crescimento pessoal e para a formação intercultural das pessoas. O aprendizado de um idioma, realizado no país no qual ele é utilizado, também se mostrou de grande relevância para os alunos, conforme afirma PA4, quando menciona a oportunidade de aprimorar o inglês e conhecer a maneira de viver dos norte-americanos. O participante PA5 também reforça a oportunidade de aprendizado, considerando que não tinha confiança no seu conhecimento de inglês, e após a viagem passou a ser mais confiante.

Com referência ao conhecimento de outros idiomas, Rocha *et al.* (2010) afirmam que falar dois idiomas deixou de ser um diferencial e passou a ser pré-requisito em busca de oportunidades profissionais. Essa ideia também está presente na pesquisa dos autores Santos e Santos (2008) quando ressaltam que cada vez mais empresas estão invadindo novos mercados e nada mais interessante do que ser capaz de promover a comunicação com os agentes envolvidos por meio da fluência da sua língua.

Essas informações tornam o processo de mobilidade acadêmica estudado, Programa de Intercâmbio Cultural, uma oportunidade extremamente relevante no aprendizado de idiomas. Ressaltando o fato de poder aprender juntamente com jovens de outras nacionalidades e reconhecer a dimensão do aprendizado de línguas para nações do mundo inteiro.

PA3: Ela me acolheu muito bem [a dona da casa], no que eu não entendia do inglês, às vezes ela até desenhava, me ajudou muito no sentido do transporte, como eu fazia pra pegar o ônibus, pegar o metrô, com os mapas ela até deixou um caderninho de anotação pra mim separado é..deu todas instruções da casa, foi muito legal! Assim e...queixa de estadia eu não tenho não. A escola também muito bem organizada, no ensino do inglês, a professora muito atenciosa. Foi super legal!.

PA6: Espero dar continuidade no estudo da língua inglesa, atuar em uma grande empresa e retornar novamente ao Estados Unidos.

PA7: Principalmente, estar aprendendo inglês com os próprios americanos foram as minhas principais motivações. Minha expectativa é que eu cresça cada vez mais profissionalmente!

É notória a expectativa profissional de alguns participantes, visto que saber outro idioma é um requisito de muitos processos seletivos que eles participam durante a vida acadêmica. E esse se tornou um requisito básico para muitas empresas, pois interessa a elas a ampliação do seu ramo de atuação, o que leva a busca pela internacionalização, sendo assim, precisará de profissionais que dominem outras línguas (SANTOS; SANTOS, 2008, p.5).

Considerando todos os contributos das **Impressões/Percepções** e **Valor da Experiência**, quando se aborda o lado profissional, as autoras Santos e Santos (2008) ressaltam o perfil profissional que as empresas procuram, com indivíduos polivalentes e multifuncionais, com iniciativa e criatividade. Acrescenta-se ainda a habilidade em saber administrar as diferenças, gerenciar o novo e humanizar as relações de compreensão entre as pessoas. Tais características são potencializadas

com a experiência de mobilidade acadêmica internacional, e que impactam em todos os aspectos da vida dos indivíduos.

Categoria 2 – Dificuldades

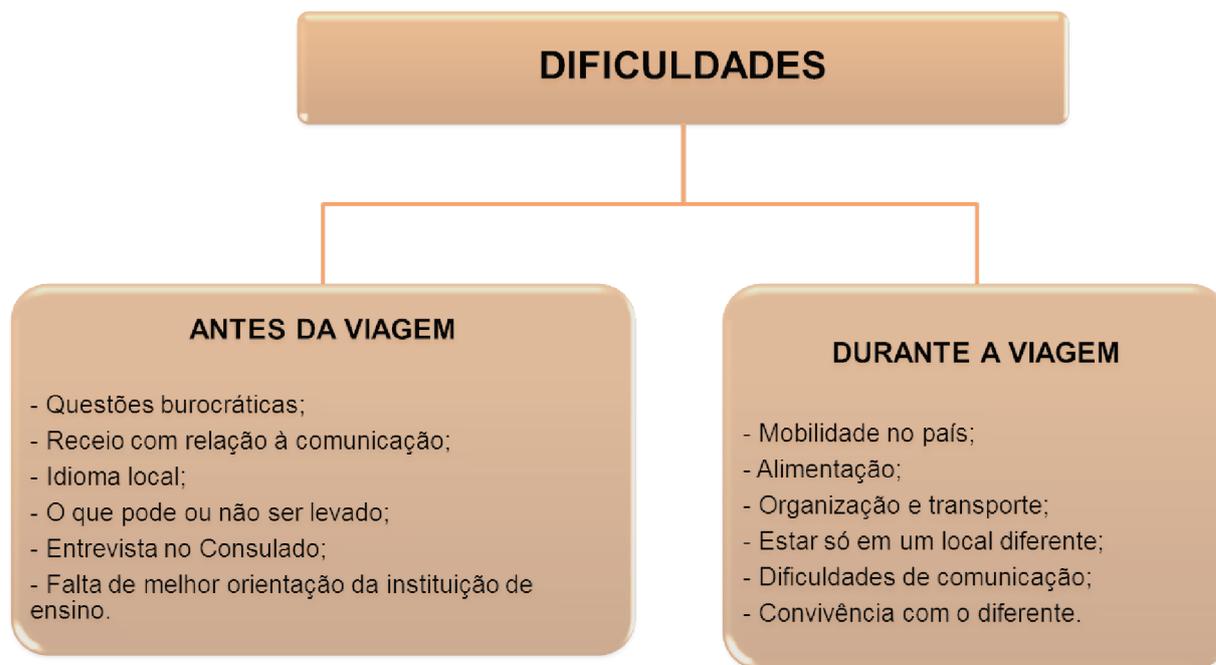


Figura 6: Categoria 2 – Dificuldades
Fonte: Elaborada pelo autor

Nesta categoria foram representadas todas as falas que ressaltam algum tipo de dificuldade enfrentada pelos intercambistas. Subdividida em duas subcategorias: **Antes da Viagem**, relatando as dificuldades encontradas desde o período de decisão, inscrição para o processo, até a preparação da documentação e das malas; **Durante a viagem**, quando os participantes falam sobre as dificuldades pelas quais passaram durante o período da viagem, como alimentação, estadia, comunicação, dentre outras. Pesquisa realizada por Espinosa (2004) com 50 estudantes participantes de algum processo de mobilidade acadêmica na cidade de Guadalajara no México, relata que uma das maiores dificuldades enfrentadas por eles foi com relação ao transporte na cidade hospedeira. A pesquisa trouxe ainda como resultados, relacionados a outras dificuldades, um cenário no qual 25% dos estudantes não manifestaram terem tido dificuldades; 45% tiveram problemas com os transportes locais; 10% com o idioma e 7% mencionaram estranhamento e dificuldade com a cultura machista do local visitado.

Quando se observam os entrevistados desta dissertação, percebe-se o relato sobre problemas com relação ao transporte local, como dificuldades para entender a dinâmica de funcionamento dos transportes públicos nos países visitados.

Os alunos entrevistados também mencionam o estranhamento com relação à alimentação do país visitado, no qual os hábitos alimentares são muito diferentes do país de origem, no caso o Brasil. Observam-se então, as dificuldades com relação à cultura geral de um país diferente, com organização, estrutura, costumes e comportamentos distintos daquilo que os intercâmbistas estão habituados.

PA1: Acredito que somente a mobilidade de ir até a escola onde fazíamos o curso, era um pouco longe, e também a comida que era bem diferente.

PA3: A maior delas é perceber a diferença daqui pra lá, porque a gente é...por exemplo...eu me perdi...no segundo dia lá, que eu cheguei no domingo, na terça-feira de manhã eu me perdi. Porque... A gente tá acostumado aqui em Cruzeiro, que o ônibus saí da rodoviária e volta pra rodoviária, lá não, tem percursos diferentes e isso a gente vê na direção do ônibus, então eu não sabia...no segundo dia...eu tava super cru lá ainda, entrei no ônibus errado e me perdi!

PA7: A maior dificuldade foi a alimentação, pois os hábitos alimentares dos americanos são muito diferentes e tive que me adaptar por um mês. Foi extremamente difícil para mim!

Considerando essa nova vivência, em um ambiente diferente de tudo que os entrevistados já puderam experimentar, percebe-se a relevância da experiência para o entendimento do conceito de diversidade e de como a humanidade necessita compreender e conviver melhor com as diferenças.

Quando analisadas as entrevistas com os gestores, apresentadas anteriormente, verificou-se a adaptação cultural e disponibilidade financeira como as maiores dificuldades que eles perceberam nos alunos.

PG1: Praticamente a maior dificuldade é financeira para tirar passaporte, pagar as taxas necessárias, seguro.

PG1: Uma outra dificuldade também é a parte econômica, financeira, Por quê? Toda documentação corre por conta do aluno. É oferecido uma bolsa, porém, essa bolsa é justamente para as despesas pessoais portanto essa parte da economia é uma das grandes dificuldades.

Observa-se que a dificuldade financeira não foi mencionada na entrevista feita diretamente com os alunos, mas pode estar implícita quando eles mencionam a dificuldade com a documentação e deslocamentos para atenderem os aspectos burocráticos da viagem.

PA6: As maiores dificuldades que encontrei foram tirar toda a documentação a tempo da viagem.

PA7: Todo o processo para conseguir o visto americano trouxe algumas dificuldades, pois eu tive que ficar em São Paulo por 2 dias consecutivos e também preparar toda a documentação necessária para a entrevista no Consulado Americano.

Mariano (2008) aborda as dificuldades com a burocracia nas viagens de intercâmbio desde o passaporte até o visto para entrada nos países. A autora ressalta que para tirar o passaporte não precisa estar com a viagem marcada, e é interessante não deixar para última hora. Ela ressalta também a necessidade de se fazer uma pesquisa prévia sobre o país que irá visitar, quais os requisitos para entrada, para obtenção de visto, que tipo de visto é necessário. Ainda aconselha também a mesma pesquisa para os países vizinhos, para que o indivíduo possa transitar com facilidade e aproveitar ao máximo a viagem.

Ainda sobre a burocracia, na Oitava Reunião da Mesa-Redonda da Sociedade Civil União Europeia-Brasil, de acordo com informações publicadas no jornal Mundo Lusíada (2014), entre os assuntos abordados estava a Mobilidade Urbana, abordando o tema intercâmbio de conhecimento, pesquisa e inovação. Na reunião, o português Mario Soares, representante do Comitê Econômico e Social Europeu (CESE), e Noamar Monteiro de Almeida, do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), ressaltaram a necessidade de “avançar principalmente

no que diz respeito à burocracia, fator que, segundo eles, limitaria a circulação de estudantes, professores e pesquisadores”.

Além de toda parte burocrática, a comunicação traz muita preocupação a todos os estudantes. Ressalta-se que esse fator encontra-se presente nas duas subcategorias de dificuldades **antes da viagem** e **durante a viagem**. Antes há o receio de não entender o idioma do país visitado e não saber se expressar para obter informações, por exemplo. Durante a viagem o pouco conhecimento sobre o idioma e a insegurança tornam-se empecilhos na comunicação com a população local.

De acordo com Santos e Santos (2008), o intercâmbio proporciona aos participantes o aperfeiçoamento e o conhecimento de outro idioma. As autoras destacam o idioma inglês como uma “língua universal”, “uma espécie de língua franca” que é utilizada em grande parte do mundo. Por meio da caracterização da população estudada apresentada anteriormente no Quadro 3, percebe-se que os alunos participantes desta pesquisa possuem pouco ou nenhum conhecimento sobre o idioma do país visitado. Esse pode ser o motivo pelo qual a insegurança com a comunicação se faz presente na categoria 2 – dificuldades, **antes e durante a viagem**.

Nas entrevistas com os gestores, apresentadas anteriormente, observou-se que a instituição já identificou essa lacuna e oferece em sua grade o inglês em todos os semestres do curso, como afirma o Participante Gestor 1. Essa iniciativa minimiza o impacto do idioma na viagem, porém não elimina o receio quanto às particularidades da língua, ou a falta de fluência.

Mariano (2008) chama a atenção para a intensificação das viagens internacionais de todos os tipos, o que leva a encontros de pessoas da mesma nacionalidade por todo mundo. A autora exemplifica que é possível encontrar brasileiros por toda parte do mundo e que, se o objetivo é aprender outro idioma, devem-se evitar esses encontros. Pois a ideia de se fazer um curso de idiomas fora do país é justamente a imersão na língua local, durante o curso, nos passeios, com novos amigos.

O participante PA6 relata que **antes da viagem** se preocupou em melhorar seu nível de inglês “para não chegar totalmente perdido no país de destino”. E ressalta também que, **durante a viagem**, se preocupou bastante com a falta de domínio do idioma, “não dominar o idioma, se comunicar com a família onde fiquei

saber se locomover numa cidade onde não conhecia”. Relatos de dificuldades também presentes em outras falas dos participantes da mobilidade acadêmica estudada:

PA3: Aí meio assim...puxa...e agora o que que eu faço? Só que deu tudo certo...no que eu sabia arranha lá do inglês eu consegui me encontrar, encontrei uma brasileira dentro do ônibus que me ajudou no processo, foi muito interessante...um senhor americano praticamente me levou da última estação de metro até a escola, nossa foi muito legal! Essa foi a maior dificuldade, perceber essas diferenças.

PA5: A primeira semana foi a mais crítica, não entender o que os outros falavam, mas à medida que o tempo passava eu entendia melhor e já conseguia inclusive explicar aos americanos como chegar aos lugares.

PA8: Comunicação pelo espanhol básico (somente na primeira semana).

Um dos elementos destacados nas entrevistas com os participantes do processo de mobilidade acadêmica internacional é o apoio da instituição de ensino antes da viagem. A maioria dos jovens nunca tinha realizado uma viagem internacional, sendo assim apresentavam muitas dúvidas com relação a todo processo burocrático com documentação, passando pelas dúvidas com relação às regras para saber o que pode ser levado nas malas, como seria a cultura do país visitado e conhecimentos básicos de comunicação na língua do país. Percebe-se que esses itens foram mencionados como dificuldades pelos alunos.

PA1: Da minha instituição recebi o reconhecimento de ter ganhado um prêmio, mas não teve nenhuma orientação como de outras que fiquei sabendo durante o intercâmbio, onde essas deram aos alunos um curso rápido da cultura e língua que eles iriam conhecer e falar.

Observa-se que algumas orientações são passadas informalmente, de acordo com as declarações dos alunos. Há uma troca de experiências com professores que já realizaram uma viagem internacional e com outros alunos que participaram de processos de mobilidade acadêmica anteriormente.

PA3: Sim, sim foi muito legal, conversei muito com a [coordenadora do curso], que tinha auxiliado os outros alunos que fizeram intercâmbio aqui, ela me deu muitas dicas também, por já ter ido. Sobre o processo de como seria, quais seriam os próximos passos, nossa foi muito interessante, tive o apoio da Instituição, na documentação que precisa de pegar alguns documentos aqui pra poder mandar, declaração. Nossa foi muito legal a instituição ajudou demais. No que eu precisei, fui atendida.

Quando questionados os gestores também afirmaram não haver uma orientação formal e planejada com relação ao processo de mobilidade acadêmica internacional. Eles também mencionam que essa orientação é repassada aos alunos de maneira breve e informalmente.

Buscando as contribuições de Stallivieri (2004), Freitas (2009) e Weihermann e Silveira (2009) nesta pesquisa, reafirma-se a crescente valorização do capital intelectual e do conhecimento, a condução da universidade a revisar suas estratégias acadêmicas. Bem como a missão da Instituição de Ensino no desenvolvimento de novas gerações, despertando a curiosidade ao que é diferente, fazendo com que os alunos se abram para um mundo globalizado, no qual as transformações tecnológicas e comunicacionais invadem a vida de todos e demandam atenção e adequação dos indivíduos, da sociedade e das organizações.

Por isso, a participação decisiva e ativa da Instituição de Ensino nos processos de mobilidade acadêmica deve fazer parte de suas ações estratégicas, pois o intercâmbio é muito mais que uma viagem de turismo, é envolvimento cultural, desenvolvimento de habilidades e prática de adaptação ao novo, ao diferente.

Categoria 3 – Benefícios

Na categoria 3, representada na Figura 7, são relatados os benefícios que a experiência trouxe para o aluno, foi subdividida nas subcategorias **pessoal** e **profissional**.

Os alunos foram questionados quanto aos benefícios de se participar do processo de mobilidade acadêmica voltados para a vida pessoal e também o que acarretou de melhorias na vida profissional.

PA1: Acrescentou em tudo pois na vida pessoal trouxe a experiência de viver conhecer experimentar uma vida diferente com pessoas diferentes num país maravilhoso com experiências maravilhosas enriquece qualquer pessoa que possa passar por um programa igual ou parecido a esse. E na vida profissional me trouxe também a experiência, reconhecimento e claro um currículo diferenciado.



Figura 7: Categoria 3 – Benefícios
Fonte: Elaborada pela autora

O **amadurecimento pessoal** é indescritível, o fato de conseguir estar sozinho em um país diferente e fazer com que tudo dê certo proporciona ao indivíduo um **aumento da confiança pessoal. Superar os medos, dificuldades e desafios**, faz

com que desperte no intercambista um **sentimento de força interior**. Mariano (2008), mais uma vez, contribui quando menciona o intercâmbio como fonte de várias oportunidades, de muitos contatos e acima de tudo aprendido, não só de um idioma, mas também da vida.

PA5: Acredito que me tornei mais madura, mais independente e com certeza mais confiante.

PA8: Acredito que após essa experiência estou mais forte e aprendi a adaptar rapidamente as mudanças como também a ser mais independente e conseqüentemente mais amadurecida.

Essas questões levam novamente ao IIE (2014) quando ressalta a experiência internacional como formação básica para o século XXI, a interação com pessoas de outras nacionalidades. Quando se busca compreender os relatos dos alunos, reafirma-se a ideia de que o estudo no exterior proporciona aos indivíduos uma nova maneira de pensar sobre o mundo.

Como abordado anteriormente, Nogueira, Aguiar e Ramos (2008) informam que muitas famílias estão em busca de proporcionar essa experiência aos seus filhos e algo que era voltado apenas para as classes altas ganha espaço e investimento de outras classes sociais. Com esse investimento visam aprimorar a empregabilidade do jovem, tornando-o melhor preparado para o mercado de trabalho, assim podendo aprimorar o desenvolvimento profissional que muitos membros de sua família não tiveram a oportunidade de realizar.

No âmbito profissional conforme mencionam Hanashiro, Teixeira e Zaccarelli (2008), a empregabilidade é a capacidade de tornar-se empregado, conseguir um emprego. Entretanto, segundo os autores essa definição foi ampliada abrangendo a capacidade do indivíduo de gerir o próprio destino e buscar meios para a sua sobrevivência.

PA5: Sim, no meu emprego meu gerente ficou empolgado com meu intercâmbio e acabou me incentivando, me colocando como interface em alguns agendamentos de viagem dele para Alemanha, EUA e China. Sempre em inglês.

PA6: Com certeza melhorou meu inglês, que pode ajudar a conquistar melhores oportunidades no mercado profissional. Também aprendi a me virar em país com uma cultura diferente e mesmo sem dominar totalmente o idioma e com certeza será uma experiência única em minha vida.

PA7: Primeiramente, com essa experiência, consigo me comunicar em inglês muito melhor (após o retorno, continuei o estudo aqui no Brasil e hoje falo inglês - avançado). Na minha vida pessoal, levo comigo essa satisfação de falar 2 idiomas e isso, conseqüentemente, refletiu em minha vida profissional. Atualmente, trabalho no Santuário Nacional de Aparecida como auxiliar administrativo mas tenho um cargo a mais, que é o de monitora de visitas noturnas ao Santuário. Dentre todos os monitores, sou a única que falo inglês e, por isso, sou eu quem recebo os bispos, padres, celebridades e famílias estrangeiras. Quando estou recebendo estrangeiros no Santuário Nacional, sempre utilizo estas experiências culturais que eu adquiri.

É inegável o incentivo e a motivação que podem surgir de um processo de mobilidade acadêmica. Vivenciar culturas diferentes, aprender outro idioma, conseguir sentir-se independente e perceber todas as responsabilidades que isso traz, são benefícios de um processo de mobilidade acadêmica. Como afirma Mariano (2008), existe um grande número de oportunidades no mundo inteiro, cabe a cada indivíduo aprender a identificá-la e aproveitá-la da melhor maneira possível. E essas oportunidades estão mais acessíveis e prontas para serem assumidas e desenvolvidas por todos aqueles que estiverem preparados para elas.

Observam-se nos relatos das entrevistas grandes contribuições para a **ampliação da rede de contatos**, pois ao finalizar o processo de mobilidade acadêmica internacional ainda permanecem as amizades e as trocas de experiências.

PA3: Amizades em primeiro lugar, porque a gente brinca que o grupo de Boston formou uma família... a gente se apoiava...todo mundo...é...foi um grupo mais jovem neh, tinha na faixa de 17 até 23 anos, a idade que eu tinha na época. Que eu era a mais velha do grupo. Mas a gente se apoiou muito lá, era novidade pra todo mundo, então foi um processo de amizade muito legal, a gente começou a conversar antes, depois que a gente ficou sabendo a

cidade...dividimos em grupos no facebook e depois...depois foi muito legal, cada um foi dividindo as experiências que tava tendo no retorno. Eu acho que além da cultura que eu recebi de lá, o maior ganho foi as amizades.

Amizades são sempre muito bem vindas, novos contatos podem proporcionar muito mais que conversas agradáveis, mas também uma futura viagem, ou uma oportunidade de emprego. Conhecer pessoas, principalmente de outras nacionalidades, é uma oportunidade única e enriquecedora, como afirma Mariano (2008).

De acordo com Hanashiro, Teixeira e Zacarelli (2008), o *networking*, que significa a rede de relacionamentos de um indivíduo, deve ser construído ao longo de toda sua vida, e requer tempo e dedicação de sua parte.

A aprendizagem cultural ganha força e destaque mais uma vez nas falas dos alunos:

PA3: Bom, a primeira expectativa era conhecer a cultura, acho que o maior ganho de tudo isso é conhecer a cultura deles e saber que a gente não vive numa...numa bolha neh...como...eu sempre do interior, nunca fiz uma grande viagem essa foi a primeira...então a maior expectativa que eu tinha era isso...conhecer essas diferenças do nosso país com os EUA.

Todos os benefícios, sejam eles pessoais e profissionais, levam à observação da experiência de mobilidade acadêmica internacional como fonte de crescimento e formação de alunos que estão tornando-se profissionais, cidadãos e acima de tudo seres humanos melhores, com visão ampliada, menos preconceitos, com mais aceitação do diferente, mais tolerância. Pessoas capazes de perceber o desenvolvimento de seu país, por meio do conhecimento de como funcionam outras nações e assim descobrir que exercem papel fundamental e decisivo nesse desenvolvimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo principal analisar a experiência de mobilidade internacional de alunos do Ensino Superior Público Tecnológico e o papel da Instituição na construção dessa experiência. De acordo com a pesquisa documental realizada, com as entrevistas aplicadas aos gestores e alunos envolvidos em processos de mobilidade acadêmica internacional e todo material bibliográfico como fundamentação, pode-se considerar que o desenvolvimento da mobilidade internacional nestas instituições de ensino superior está avançando.

Observou-se que a Internacionalização das Instituições Superiores é um processo que historicamente contribui para o compartilhamento do conhecimento técnico e científico. E que esse processo ganhou grandes proporções a partir do século XX, quando a globalização trouxe consigo o conceito de aldeia global para o mundo, no qual a diversidade cultural é fator presente na convivência entre as nações, as facilidades de acesso às informações e a tecnologia aproximam as pessoas e possibilitam uma convivência cultural antes restrita.

Atualmente, a mobilidade acadêmica internacional ganha espaço nas faculdades e universidades e proporciona aos alunos uma vivência que para muitos deles não seria possível se não fosse intermediada pela instituição de ensino.

Nas instituições pesquisadas, de acordo com as entrevistas realizadas com os gestores, percebe-se que há um movimento, mesmo que ainda inicial, em direção à internacionalização. Ressalta-se, na fala dos gestores participantes das entrevistas, que a busca por parcerias e pela internacionalização ainda encontra algumas barreiras, como as questões burocráticas.

Os processos de mobilidade acadêmica internacional ainda estão em fase inicial e há a necessidade de maior disponibilidade de pessoas para gerenciar esses processos. Destaca-se que em vários momentos é mencionada essa necessidade de uma equipe focada na organização e no desenvolvimento de programas de mobilidade acadêmica internacional em ambas as instituições, o que é perceptível também na fala dos alunos, quando mencionam não haver uma orientação formal da instituição no preparo para a viagem e também após o retorno.

Outro ponto ressaltado nas entrevistas é a infraestrutura para acolher os processos de mobilidade acadêmica internacional, podendo assim também abrir oportunidades para alunos estrangeiros estudarem na instituição. Considera-se que, mediante todo estudo realizado, ter uma experiência internacional não necessariamente significa uma viagem para o exterior. O contato com pessoas de outros países, o receber, o acolher também são pontos importantes em processos de internacionalização nas instituições.

Nas entrevistas com os alunos participantes dos processos de mobilidade, observou-se que a vivência intercultural foi um dos aspectos mais relevantes em toda experiência. Houve benefícios pessoais como crescimento pessoal e amadurecimento, melhora na autoestima e confiança. Todos ressaltaram uma mudança na visão de mundo, um entendimento melhor do contexto nacional em que vivem.

Já no âmbito profissional, discutir o mercado de trabalho para esses jovens estudantes é pensar no desenvolvimento futuro do país, e a instituição de ensino tem as ferramentas necessárias para prepará-los para essa realidade. Um profissional encaminhado ao mercado de trabalho, com competências bem desenvolvidas e preparado para uma atuação responsável e produtiva, influencia consideravelmente no desenvolvimento regional.

Considerando também o relato de muitos alunos, sobre a comparação entre os países que resultou em maior tolerância com o diferente e melhor entendimento dos problemas enfrentados pelo seu país, observa-se a possibilidade da construção de um cidadão muito mais ativo no desenvolvimento regional. Um cidadão que muda a sua visão de mundo e passa a enxergar diferentes soluções para a região em que vive.

Quando questionados sobre os benefícios profissionais, observam-se resultados interessantes para os alunos, visto que muitos se destacaram nos ambientes organizacionais devido à experiência internacional. Na atual realidade das organizações o encontro intercultural é inevitável, conviver com as diferenças faz parte do cotidiano, uma realidade cada vez mais presente também nas organizações de ensino.

Internacionalizar, buscar processos de mobilidade acadêmica, abrir as portas para o novo, para o diferente, são ações que as instituições precisam organizar,

caso contrário, estarão fadadas a formarem apenas indivíduos com títulos sem essência.

Como foi abordado nesta pesquisa, o papel do ensino superior no desenvolvimento do país é de destaque e representa um dos principais influenciadores desse desenvolvimento, visto que é no ensino superior que os cidadãos são lapidados para atuarem na sociedade e no mercado de trabalho, promovendo o desenvolvimento.

A conscientização desse papel de destaque é inerente às organizações de ensino e faz parte dessa conscientização o preparo de indivíduos capazes de atuar em novo contexto mundial. Contexto esse, em que as fronteiras são derrubadas e o mundo é representado por uma população universal, formada por indivíduos que precisam aprender a conviver com as diferenças sociais, culturais e estruturais.

Considerando que esse é o papel da instituição de ensino superior e considerando também os resultados obtidos com as pesquisas sugerem-se algumas ações na instituição a fim de uma maior adequação e aproveitamento dos processos de mobilidade acadêmica, como seguem:

1 – Preparação do aluno para a viagem, em todos os pontos do processo que antecede o embarque, desde a inscrição para o processo de seleção, até a preparação de documentação, passando por conceitos culturais do país visitado e conhecimentos para uma comunicação básica no idioma local.

2 – Como mencionado pelos gestores, manter uma equipe especializada dentro da instituição, pronta para atender às dúvidas desses alunos, bem como também orientá-lo quanto ao aproveitamento dessa experiência, principalmente para a vida profissional após o seu retorno, direcionando-o no sentido de preparação de currículos e de como utilizar toda vivência e conhecimento adquirido em outro país.

3 – Incentivar professores e alunos a desenvolver uma rede de relacionamentos com instituições estrangeiras, que possibilitem a construção de oportunidades de parcerias, convênios e acolhimento para experiências de mobilidade acadêmica internacional.

4 – Disseminar a cultura de internacionalização para os alunos, com palestras sobre o assunto incentivando-os a buscarem as competências necessárias para participar do processo.

5 – Buscar engajar professores, por meio da valorização e da demonstração da importância da internacionalização para a instituição. A realização de reuniões para debate sobre o assunto, e também palestras com profissionais ligados à área.

A internacionalização e a mobilidade acadêmica internacional especificamente devem fazer parte da vida da instituição de ensino. Assim como todos os processos burocráticos, todos os projetos em outras áreas, como empreendedorismo, inovação, tecnologia, por exemplo. É um recurso a ser incorporado na cultura da organização, iniciando pela gestão, professores e chegando aos alunos como parte integrante na sua formação acadêmica e humana.

Observou-se que o ensino superior representa ponto estratégico e decisivo para o desenvolvimento regional. Também que a mobilidade internacional está diretamente ligada a esse desenvolvimento, pois faz parte da formação de um cidadão mais crítico, atuante, e com uma visão mais ampla dos problemas. Assim, com essas competências desenvolvidas, o processo de construção de soluções para os problemas regionais se torna mais eficaz e efetivo.

O objetivo da dissertação de analisar a experiência de mobilidade internacional de alunos do Ensino Superior Público e também o papel da instituição na construção dessa experiência foi atingido. Como sugestão para estudos futuros nessa área propõe-se:

- Um estudo sobre a mobilidade acadêmica internacional e seus contributos para o corpo docente da instituição.
- O estudo sobre os acordos de cooperação internacional em instituições de ensino superior públicas se faz relevante e se caracteriza como outra sugestão para desenvolvimento de futuras pesquisas.
- Também, mantendo o foco no desenvolvimento regional, uma pesquisa sobre o mercado de trabalho que recebe esse aluno que participou de um processo de mobilidade internacional.

Aprender, perceber, entender, conhecer, conseguir, experimentar são alguns dos verbos utilizados pelos alunos entrevistados. Verbos que por si só possuem uma representatividade muito grande e quando empregados na vida de jovens, como os entrevistados, podem significar o crescimento de um cidadão, o desenvolvimento de uma região, a construção de uma vida.

REFERÊNCIAS

ALTBACH, P. G. Globalization and the university: myths and realities in an unequal world. **Tertiary Education and Management**, n.1, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. Lisboa: Portugal, 1979.

BATISTA, S. S. dos S. Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: entre a continuidade e a ruptura. In: CARVALHO, M. L. M. de (Org.). **Memórias e História da Educação Profissional**. São Paulo: Centro Paula Souza, p. 95 – 105, 2011.

BELTA - BRAZILIAN EDUCATIONAL & LANGUAGE TRAVEL ASSOCIATION. Apresenta informações sobre intercâmbios no mundo inteiro. Disponível em: < <http://www.belta.org.br>> Acesso em: 06/12/2013.

BORGES, V. M. de O; AQUINO, E. T. de. Ensino superior à ordem do capital Internacional. **Revista Gestão Universitária da América Latina - GUAL**, v. 6, n. 2, p. 22-32, Florianópolis, 2013. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2013v6n2p22/24565> > Acesso em: 03/12/2014.

BOTTA, L. R. P. Intercâmbio Cultural como complemento a Formação do Engenheiro. VI SIMPÓSIO MARINGAENSE DE ENGENHARIA DA PRODUÇÃO. 2013. Disponível em:<http://www.dep.uem.br/simepro/anais/index.php/simepro/6_simepro/paper/view/48> Acesso em: 30/10/2014.

BRANDÃO, M. **Cursos Superiores de Tecnologia: Democratização do acesso ao ensino superior?** CEFET, UFF, Rio de Janeiro. 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT09-2018--Int.pdf>> Acesso em: 02/09/2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de Estudos e Intercâmbio: orientações básicas**. 2012. Disponível em:<http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_In_tercxmbio_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: 14/12/2013.

_____. **Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 29/2002**. Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais no Nível de Tecnólogo. Distrito Federal, 2002.

_____. **Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Superior. Parecer 436/2001.** Cursos Superiores de Tecnologia – Formação de Tecnólogos. Distrito Federal, 2001.

CASTRO, A. A.; CABRAL NETO, A. O ensino Superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**. V. 21, p. 69-96. Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/3082>>. Acesso em: 15/05/2013.

CENTRO PAULA SOUZA. **Perfil e histórico**. Disponível em: <<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/quem-somos/perfil-historico>> Acesso em 07/12/2014.

CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS. **Painel de Controle do Programa Ciências sem Fronteiras**. Apresenta informações sobre os processos para participação do programa e dados informativos. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>> Acesso em: 04/08/2014.

DALCIN, V. L. **A mobilidade dos estudantes universitários:** contribuição para o desenvolvimento da interculturalidade. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa. 2011.

DALMARCO, G.; MAEHLER, A. E.; DALMORO, M.; LADEIRA, W. J.; VENTURINI, J. C. Inserção Internacional de Universidades e valor percebido: uma análise em três instituições de ensino superior. **DESENVOLVE Revista de Gestão do UNILASALLE**. v.1, n.1, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/desenvolve/article/view/412/466>> Acesso em: 05/11/2014.

DONINI, A. M. C. de; SANTOS, M. R. S. dos. Políticas de Integração e Internacionalização da Educação Superior no MERCOSUL educativo. IV CONGRESSO NACIONAL E III ENCUENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDIOS COMPARADOS EM EDUCACIÓN. Buenos Aires, 2011.

DUARTE, R.G.; CASTRO, J.M. de; PEREIRA, A.C.C.; CRUZ, A.L.A. O papel dos relacionamentos interpessoais no processo de internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES). XXXIII ENCONTRO DA ANPAD, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ESO2227.pdf>>. Acesso em: 24/07/2014.

ESPINOSA, E. M. La movilidad de estudiantes, características y opiniones de los estudiantes extranjeros em Guadalajara, Jalisco, México. **Perfiles Educativos**, v.26, n.105-106, México, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-26982004000000007&lang=pt>

FERRER, A. T. La contribución de la movilidad académica a la construcción de um espacio iberoamericano de educación superior. **Revista Lusófana de Educação**, v. 21, p. 53-68. Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/about> > Acesso em: 17/06/2014.

FINURAS, P. **Gestão Intercultural**. Lisboa: Silabo, 2011.

FREITAS, M. S. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejam os nômades? **O&S**, v. 16, n. 49, p. 247-264. Salvador, 2009.

FULLBRIGHT, **Comissão para Intercâmbio Educacional entre os Estados Unidos e o Brasil**. Apresenta informações sobre processos para participação do programa. Disponível em: <http://www.fullbright.org.br>. Acesso em: 30/05/2014.

GUIMARÃES, O. M. A globalização do conhecimento: uma análise da mobilidade estudantil internacional dos estudantes da UNESP – Câmpus de Franca. **Revista CAMINE: Caminhos da Educação**, v. 5, n. 2, p. 147-158. Franca, 2013.

GUIMARÃES, S. R. E. F.; TADEUCCI, M. de S.; OLIVEIRA, A. L. de. Estudo Bibliométrico em gestão intercultural, internacionalização e mobilidade acadêmica: foco no ensino superior. **Revista Janus**, n.17, p. 55-65, Lorena/SP, 2013.

HANASHIRO, D. M. M.; TEIXEIRA, M. L. M.; ZACCARELLI, L.M. **Gestão do Fator Humano**: uma visão baseada em *stakeholders*. 2ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

IIE - INSTITUTE OF INTERNATIONAL EDUCATION. **What will it take to double study abroad?** A “Green Paper” on the Big 11 Ideas from IIE’s Generation Study Abroad Think Tank. New York, 2014.

ISSE, S. F.; SILVA, O. D. B. Intercâmbio Cultural Univates-Brasil / Universidade Pedagógica Nacional-Colômbia: um relato de experiências da formação cultural de estudantes de cursos de licenciatura. **Caderno Pedagógico**, Lajeado, v.10, n2, p. 35-46, 2013. Disponível em: < <http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/viewFile/727/487> > Acesso em: 03/11/2014.

JORNAL MUNDO LUSÍADA. **Brasil e União Europeia discutem burocracia no intercâmbio do conhecimento.** São Paulo, set. 2014. Disponível em: <<http://www.mundolusiada.com.br/acontece/brasil-e-uniao-europeia-discutem-burocracia-no-intercambio-do-conhecimento/>> Acesso em: 04/11/2014.

JUCÁ, M. C., OLIVEIRA, P. J. de, SOUZA, R. J. de. Cursos Superiores Tecnológicos: um avanço da educação superior no Brasil. COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTIÓN UNIVERSITARIA EM AMÉRICA DEL SUR, 10, Mar Del Plata, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/>> Acesso em: 02/09/2013.

KRAWCZYK, N. R. As Políticas de Internacionalização das Universidades no Brasil: o caso da regionalização no Mercosul. In: **Jornal de Políticas Educacionais**. v. 2, n. 4. 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs-2.2.4/index.php/jpe/article/view/15027/10075>> Acesso em: 10/01/2014.

KUGELMAS, E. Revisitando o desenvolvimento. **RBS**, v.22, n.63. fev/2007. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100002 > Acesso em: 25/11/2013.

LANCRIN, V. A Internacionalização do ensino superior a caminho de uma política explícita. In: **OECD Multilingual Summaries**. Análise da Política Educacional: Enfoque sobre o Ensino Superior – edição 2005-2006. Disponível em: <<http://www.oecd.org/education/skills-beyond-school/38141513.pdf>> Acesso em: 12/11/2013.

LEAL, C. de O. S.; RAMOS, K. M. Mobilidade Estudantil Internacional: contributos para o desenvolvimento pessoal e formação acadêmico-profissional no Ensino Superior. II CONFERÊNCIA DO FÓRUM DA GESTÃO DO ENSINO SUPERIOR NOS PAÍSES E REGIÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA. Macau. China. 2012.<[http://aforges.org/conferencia2/docs_documentos/Paralela_7/Leal_Cinthia%20et%20Ramos%20\(UFPernambuco-BR\).pdf](http://aforges.org/conferencia2/docs_documentos/Paralela_7/Leal_Cinthia%20et%20Ramos%20(UFPernambuco-BR).pdf)>. Acesso em: 28/05/2013.

LIMA, M. C.; RIEGEL, V. A influência da mobilidade acadêmica sobre a formação dos jovens. **Negócios e Talentos**, n.7. 2010. Disponível em: <<http://seer.uniritter.edu.br>>. Acesso em: 23/12/2013.

LIMA, S. E. de; SANTOS FILHO, S. dos; SANTOS FILHO, C. R. dos. **Os (des) caminhos da educação profissional e tecnológica no Estado de São Paulo**. Das raízes às reformas neoliberais: Aspectos históricos e reflexões políticas. São Paulo: Sinteps, 2008.

LIMA, M. C.; CONTEL, F. B. Períodos e Motivações da Internacionalização da Educação Superior Brasileira. 5ÈME COLLOQUE DE L'IFBAE – Grenoble, 18 et 19 mai 2009.

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, Bauru, 2004. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf>. Acesso em: 28/04/2014.

MARCONI, M. de A., LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIANO, F. **Intercâmbio aí vou eu!** Um guia completo para fazer intercâmbio em qualquer idade. São Paulo: Alaúde, 2008.

MARTINS, H.H.T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.2, maio/ago. 2004, p.287-298.

MAZZA, D. Intercâmbios acadêmicos internacionais: Bolsas CAPES, CNPQ e FAPESP. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.137. p.521-547. maio/ago 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a10.pdf>> Acesso em: 28/05/2013.

MERÇON, A. B.; RODRIGUES, M. F.; SANTOS, N. dos. Internacionalização do ensino superior: mobilidade estudantil entre Brasil e Portugal. **FÓRUM GESTÃO ENSINO SUPERIOR**, 2011. Disponível em: http://www.forumgestaoensinosuperior2011.ul.pt/docs_documentos/15/paineis/07/abm_mfr_nds.pdf. Acesso em 15/06/2014.

MIURA, I. K. **O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo de três áreas de conhecimento**. 381 f. 2006. (Livre Docência). Departamento de Administração da FEA-RP/USP. 2006.

MOROSINI, M. C. **Internacionalização na produção de conhecimento em IES brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal**. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a05.pdf>>. Acesso em: 21/07/2013.

_____. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – conceitos e práticas. **Educar**. N. 28, p. 107-124. Editora UFPR, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a08n28.pdf> > Acesso em: 28/03/2014.

MOZZATO, A. R., GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **RAC**, v.15, n. 4, p. 731-747. Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/rac>. Acesso em 01/07/2014.

NEVES, J.L. Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v.1, n.3, 2^o sem/1996.

NEVES, A. M. C. das; NORTE, A. L. Internacionalização e mobilidade acadêmica: princípios e ações para o sucesso de uma parceria de intercâmbio acadêmico. IX COLOQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL. Florianópolis, 2009.

NOGUEIRA, M. A.; AGUIAR, A. M. de S.; RAMOS, V. C. C. R. Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares. **Educação Social**, v.29, n.103, p.355-376. Campinas, maio/ago 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n103/04.pdf>> Acesso em: 28/05/2013.

OLIVEN, A. C. Histórico da Educação Superior no Brasil. In: SOARES, M. S. A. (Coord.). **Educação Superior no Brasil**. Instituto Internacional para a Educação Superior na América Latina e no Caribe. IESALC – Unesco – Caracas. Porto Alegre, 2002. Disponível em: < <http://biblioteca.planejamento.gov.br/biblioteca-tematica-1/textos/educacao-cultura/texto-6-2013-a-educacao-superior-no-brasil.pdf> > Acesso em: 06/01/2014.

OLIVEIRA, A. L. de. Comportamento Organizacional e Pesquisa Qualitativa: Algumas Reflexões Metodológicas. In: CHAMON, Edna Querido de Oliveira. **Gestão e Comportamento Humano nas Organizações**. Rio de Janeiro: Brasport, 2007, p.193-194.

OLIVEIRA, D. C. de. Análise de Conteúdo Temático-Categorial: uma proposta de sistematização. **Revista Enfermagem. UERJ**. v. 16, nº 4, p. 569-576. Rio de Janeiro. Out/dez 2008. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/0104-3552/2008/v16n4/a569-576.pdf>> Acesso em: 01/11/2014.

OLIVEIRA, G. B. de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Revista FAE**, Curitiba, v.5, n.2, p. 37-48, 2002. Disponível em:

<<http://www.estig.ipbeja.pt/~sirb/crescimento%20e%20desenvolvimento%20texto.pdf>
> Acesso em: 27/08/2013.

OECD - ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Higher Educacion in regional and city development:** Estate of Parará. 2011. Disponível em:< http://www.oecd-ilibrary.org/education/higher-education-in-regional-and-city-development-state-of-parana-brazil-2011_9789264089020-en>. Acesso em: 20/06/2013.

_____ - ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Indicadores Educacionais em Foco.** Junho/2012. OECD. Disponível em: <www.oecd.org.br>. Acesso em: 20/06/2013.

_____ - ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Education at a Glance 2010.** Disponível em: <<http://www.oecd.org/education/skills-beyond-school/45926093.pdf>> Acesso em 20/06/2013.

_____ - ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Growth, employment and inequality in Brazil, China, India and South Africa_ An overview.** Disponível em: <<http://www.oecd.org/employment/emp/45282661.pdf>>. Acesso em 30/05/2013.

_____ - ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **A Internacionalização do ensino superior a caminho de uma política explícita.** Disponível em: <<http://www.oecd.org/edu/skills-beyond-school/38141513.pdf>>. Acesso em: 30/05/2013.

_____ - ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **A educação em revista.** 2012. Disponível em: <<http://www.oecd.org/edu/eag-2012-sum-pt.pdf>>. Acesso em: 30/05/2013.

PINHO, M. de F. D. de A. **Mobilidade Transnacional e Competências profissionais:** Um estudo de caso com alunos envolvidos no Programa Erasmus. 318 f. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação, Educação e Desenvolvimento), Lisboa, 2002.

PONDÉ, M. P.; MENDONÇA, M.S.S.; CAROSO, C. Proposta metodológica para análise de dados qualitativos em dois níveis. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.16, n.1, p.129-143. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v16n1/08.pdf> > Acesso em:17/09/2013.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PROGRAMA DE INTERCAMBIO CULTURAL. **Informações**. Disponível em: <<http://intercambio.fatgestao.org.br/inscricao/Instrucoes-Inscricoes-2013-2sem.pdf>>. Acesso em 04/06/2013.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ROCHA, R. A. da; YAMAMOTO, B. Y.; VIEIRA, L.F.; TCHOLAKIAN, N.; ROCHA, J.M. da. A preparação dos alunos de administração da Universidade Federal de Santa Catarina para o mercado de trabalho. X COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTIÓN UNIVERSITÁRIA EM AMÉRICA DEL SUR. Mar del Prata, dez/2010.

ROLIM, C; SERRA, M. Instituições de Ensino Superior e Desenvolvimento Regional: O caso da Região Norte do Paraná. **Revista de Economia**, v.35, n.3, p. 87-102. Editora UFPR, Paraná, 2009.

ROSA, M. A. **A relação entre o domínio da língua inglesa e empregabilidade no imaginário brasileiro em tempos de mundialização do capital (Globalização)**. 129f. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Campinas (UNICAMP)). Campinas, 2003.

SANDRONI, P. (Org.). **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo: Best Seller, 1999.

SANTANDER UNIVERSIDADES. **Programas de Bolsas**. Disponível em: <<http://www.santanderuniversidades.com.br/bolsas/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 27/07/2014.

SANTOS, M. E. dos; SANTOS, M. E. M. dos. Qualificação profissional e aquisição de fluência da língua inglesa através de programas de intercâmbio. **Secretariado Executivo em Revista**. v. 4. Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/ser/article/view/1767> >. Acesso em 31/10/2014.

SANTOS, E. L.; BRAGA, V.; SANTOS, R. S.; BRAGA, A. M. da S. Desenvolvimento: um conceito multidimensional. **Revista Eletrônica do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Conestado**. DRd –

Desenvolvimento Regional em debate. Ano 2, n.1. Santa Catarina, jun. 2012.
Disponível em:
<http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/1858/1/ART_ElinaldoSantos_2012.pdf>
Acesso em: 12/11/2013.

SÃO PAULO (Estado). OFÍCIO CIRCULAR Nº 17 /2013 – **Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza**, São Paulo, 14 de maio de 2013.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, E. dos S. Pedagogia do Capital: uma análise crítica da influência da teoria do capital humano nas políticas de educação profissional no Brasil em tempos neoliberais. In: CARVALHO, M. L. M. de (Org.). **Memórias e História da Educação Profissional. São Paulo**: Centro Paula Souza, 2011. p. 251 – 267.

SOLANAS, F. Intercâmbio cooperativo *versus* mercantilização competitiva: as políticas de mobilidade acadêmica no mercosul e na União Europeia. **Revista Iberoamericana de Educação Superior**, n.12, v.5, p 3-22, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S200728722014000100001&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 17/06/2014.

STALLIVIERI, L. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional**. 234 fl. 2009. Tese (Doutorado – Programa de Doutorado em Línguas Modernas da Universidade Del Salvador – Buenos Aires). Buenos Aires, 2009.

_____. **Estratégias de internacionalização das Universidades Brasileiras**. Caxias do Sul: Educus, 2004.

STOCKWELL, N.; BENGOETXEA, E.; TAUCH, C. El Espacio Europeo de educación Superior y la promoción de la cooperación académica y de la movilidad con México. **Perfiles Educativos**, IISUE-UAM, vol. XXXIII, n.133, p. 198-205. Mexico, 2011. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=13219088012>> Acesso em: 17/06/2014.

TAMIÃO, T. S. O Intercâmbio Cultural Estudantil: Uma discussão sobre o diferencial trazido na “bagagem” do estudante. In: VII SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO. Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo: 2010. Disponível em: <<http://www.anptur.org.br/ocs/index.php/seminario/2010/paper/view/707>>. Acesso em: 19/12/2013.

TOMAZZONI, E. L.; OLIVEIRA, C.C. de. Turismo de intercâmbio: perfis dos intercambistas, motivações e contribuições da experiência internacional. **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**, v. 15, n.3, p.388-408. set-dez/2013. Disponível em: www.univali.br/revistaturismo. Acesso em 12/11/2013.

UNESCO. Educação: Um tesouro a descobrir. In: **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC, 2006.

VIEIRA, E. T. Industrialização e políticas de desenvolvimento regional: o Vale do Paraíba Paulista na segunda metade do século XX. III CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EM HISTÓRIA ECONÔMICA & V ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA. Brasília, 23 e 24/set. 2010.

WEIHERMANN, C; SILVEIRA, R. B. da. Longe de Casa, há mais de uma semana: o processo de ajustamento de Intercambistas no exterior. **Revista Angrad**. Eletrônica. v.10. n.3. jun/ago/set 2009. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/313pdf>> Acesso em: 20/11/2013.

YIN, R. K. **Estudo de Caso** – Planejamento e Método. 2ª ed. São Paulo: Bookman, 2001.

Apêndice A
ROTEIRO PARA ENTREVISTA - Gestor

Sexo:

Formação:

Tempo que atua na instituição:

Cargo/função:

Tempo que atua com programas de mobilidade internacional:

- Existe uma estratégia de internacionalização na Instituição?
- Existem ações para estimular o corpo discente e o docente a participar de forma ativa de processos de mobilidade acadêmica internacional?
- A instituição possui acordos ou convênios com IES estrangeiras?
- Quais as formas de mobilidade internacional que existem na Instituição?
- A Instituição possui uma grade curricular que aceita as disciplinas cursadas pelos alunos no exterior?
- Quais as ações que a Instituição tem realizado para preparação e acompanhamento do aluno em sua experiência internacional?
- Quais os principais desafios institucionais para construção dessa experiência para o aluno?
- Quais as principais dificuldades relatadas pelos alunos que participam do processo?
- Como a Instituição trabalha para minimizar essas dificuldades?
- Quais ações que a Instituição considera necessárias ou importantes para aprimorar a sua atuação em programas de mobilidade internacional?
- Quais os benefícios da experiência de mobilidade internacional para o aluno?
- E para a Instituição?
- Como a Instituição trabalha esses benefícios com o aluno após o seu retorno?

Apêndice B
ROTEIRO PARA ENTREVISTA - ALUNO

Sexo:

Idade:

Curso:

Já dominava o idioma?

- Qual foi a experiência? Curso? País? Período?
- Quais suas motivações para participar dessa experiência?
- Quais as suas expectativas com a experiência de mobilidade internacional?
- Você já passou por alguma experiência no exterior anterior a esta?
- Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas na decisão e preparação da viagem?
- O que você acha que essa experiência acrescentou ou pode acrescentar para sua vida profissional? E para a vida pessoal?
- Como avalia sua estadia no exterior?
- Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas durante a estadia?
- Você recomenda para os outros alunos a experiência de intercâmbio? Por quê?
- Você tem utilizado as experiências culturais, as impressões pessoais nas suas atividades profissionais, ou para conseguir um emprego?
- Antes de viajar, recebeu orientação da instituição de ensino?
- Quando você retornou, você recebeu alguma orientação da Instituição de ensino sobre carreira e aproveitamento da experiência?
- O que chamou mais a sua atenção nessa viagem?
- Você ainda mantém contato com alguém do país visitado?

Anexo A**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA INSTITUIÇÃO -
GUARATINGUETÁ**

Esta pesquisa está sendo realizada pela Sr^a Sandra Ritiele Espíndola Fernandes Guimarães – aluna do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Taubaté (PPGA), como dissertação de mestrado, sendo orientada e supervisionada pela professora Dr^a Adriana Leonidas de Oliveira.

Seguindo os preceitos éticos, informamos que a participação desta organização será absolutamente sigilosa, não constando seu nome ou qualquer outro dado que possa identificá-la no manuscrito final da dissertação ou em qualquer publicação posterior sobre esta pesquisa. Informamos ainda que pela natureza da pesquisa a participação desta organização não lhe acarretará quaisquer danos. A seguir, damos as informações gerais sobre esta pesquisa, reafirmando que qualquer outra informação poderá ser fornecida a qualquer momento, pelo aluno pesquisador ou pelo professor responsável.

TEMA DA PESQUISA: Mobilidade Acadêmica Internacional: Estudo de caso em instituições públicas de ensino superior.

OBJETIVO: Analisar a experiência de mobilidade internacional de alunos do Ensino Superior Público e o papel da Instituição na construção dessa experiência.

PROCEDIMENTO: Aplicação de entrevistas com alunos e responsáveis pela mobilidade acadêmica na instituição. Utilização de dados documentais referentes à mobilidade acadêmica internacional na instituição.

SUA PARTICIPAÇÃO: Autorizar a aplicação da pesquisa nesta organização.

Após a conclusão da pesquisa, prevista para março de 2015, uma dissertação, contendo todos os dados e conclusões, estará à disposição na Biblioteca da Universidade de Taubaté, assim como no acervo *on-line* da Universidade de Taubaté e no banco digital de teses e dissertações da Capes.

Agradecemos sua autorização, enfatizando que esta em muito contribuirá para a construção de um conhecimento atual nesta área.

Taubaté, 07 de abril de 2014.

Prof. Orientador: Prof^a Dr^a Adriana Leonidas de Oliveira

Aluno: Sandra Ritiele Espíndola Fernandes Guimarães

Tendo ciência das informações contidas neste Termo de Consentimento, **Eu, Prof. José Manoel Souza das Neves**, portador do RG n^o, responsável pela organização Fatec Guaratinguetá, autorizo a aplicação desta pesquisa na Instituição.

Guaratinguetá, 25 de abril de 2014.

Assinatura

Anexo B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA INSTITUIÇÃO - CRUZEIRO

Esta pesquisa está sendo realizada pela Sra. Sandra Ritiele Espíndola Fernandes Guimarães - aluna do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Taubaté (PPGA), como dissertação de mestrado, sendo orientada e supervisionada pela professora Dr^a Adriana Leonidas de Oliveira.

Seguindo os preceitos éticos, informamos que a participação desta organização será absolutamente sigilosa, não constando seu nome ou qualquer outro dado que possa identificá-la no manuscrito final da dissertação ou em qualquer publicação posterior sobre esta pesquisa. Informamos ainda que pela natureza da pesquisa a participação desta organização não lhe acarretará quaisquer danos. A seguir, damos as informações gerais sobre esta pesquisa, reafirmando que qualquer outra informação poderá ser fornecida a qualquer momento, pelo aluno pesquisador ou pelo professor responsável.

TEMA DA PESQUISA: Mobilidade Acadêmica Internacional: Estudo de caso em instituições públicas de ensino superior.

OBJETIVO: Analisar a experiência de mobilidade internacional de alunos do Ensino Superior Público e o papel da Instituição na construção dessa experiência.

PROCEDIMENTO: Aplicação de entrevistas com alunos e responsáveis pela mobilidade acadêmica na instituição. Utilização de dados documentais referentes à mobilidade acadêmica internacional na instituição.

SUA PARTICIPAÇÃO: Autorizar a aplicação da pesquisa nesta organização.

Após a conclusão da pesquisa, prevista para abril de 2015, uma dissertação, contendo todos os dados e conclusões, estará à disposição na Biblioteca da Universidade de Taubaté, assim como no acervo *online* da Universidade de Taubaté e no banco digital de teses e dissertações da Capes.

Agradecemos sua autorização, enfatizando que a esta em muito contribuirá para a construção de um conhecimento atual nesta área.

Taubaté, 07 de abril de 2014.

Prof. Orientador: Prof^a Dr^a Adriana Leonidas de Oliveira

Aluno: Sandra Ritiele Espíndola Fernandes Guimarães

Tendo ciência das informações contidas neste Termo de Consentimento, Eu, **Benedita Hirene de França Heringer**, portador do RG n^o, responsável pela organização Fatec Cruzeiro – Prof. Waldomiro May, autorizo a aplicação desta pesquisa na Instituição.
Cruzeiro, 25 de abril de 2014.

Assinatura

Anexo C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES Acima de 18 Anos

PESQUISA: MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: Estudo de caso em instituições públicas de ensino superior.

1. Natureza da pesquisa: Você é convidado a participar desta pesquisa, que tem como finalidade analisar a experiência de mobilidade internacional de alunos do Ensino Superior Público e o papel da Instituição na construção dessa experiência.

2. Participantes da pesquisa: Alunos e ex-alunos do Ensino Superior Público que passaram pela experiência de mobilidade acadêmica internacional e gestores que trabalham com mobilidade internacional nas instituições estudadas.

3. Envolvimento na pesquisa: Ao participar do estudo, você deverá responder a uma entrevista. É previsto um único contato com cada participante, que deve durar mais ou menos 20 minutos. Você tem a liberdade de se recusar a participar, sem qualquer prejuízo para você. Solicitamos sua colaboração respondendo às questões que serão solicitadas pelo pesquisador, garantindo assim o melhor resultado para a pesquisa. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Poderá entrar em contato com a Orientadora da pesquisa Prof^a Dr^a Adriana Leonidas de Oliveira ou com a aluna pesquisadora Sandra Ritiele Espíndola Fernandes Guimarães.

4. Sobre as entrevistas: As entrevistas serão agendadas com antecedência. Será pedido que você forneça algumas informações básicas e que responda a um roteiro de perguntas sobre a sua experiência no processo de mobilidade acadêmica internacional, modalidade intercâmbio.

5. Riscos: A participação nesta pesquisa não traz riscos. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

6. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os relatos de pesquisa serão identificados com um código, e não com o nome.

7. Benefícios: Ao participar desta pesquisa, você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a mobilidade acadêmica internacional nas Instituições Públicas de Ensino Superior estudadas. No futuro, essas informações poderão ser usadas em benefício de outros alunos e da instituição.

8. Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

9. Você pode a qualquer momento retirar seu consentimento, excluindo a sua participação.

10. Após a conclusão estará à disposição, no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté, uma dissertação contendo os resultados.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, quero participar da pesquisa.

Guaratinguetá, _____ de _____ de 2014.

(Nome do participante da pesquisa e RG)

Assinatura Digitalizada
Prof^a Dr^a Adriana Leônidas de Oliveira
CRP. 06/41548-8 – Professor Responsável

Assinatura Digitalizada
Sandra Ritiele E. Fernandes Guimarães
Aluna pesquisadora

ANEXO D

Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Mobilidade Acadêmica Internacional: estudo de caso em Instituições Públicas de Ensino Superior

Pesquisador: Sandra Ritiele Espíndola Fernandes Guimarães

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 31812214.6.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 709.768

Data da Relatoria: 04/07/2014

Apresentação do Projeto:

A presente proposta de pesquisa tem como objetivo analisar a experiência de mobilidade internacional de alunos do Ensino Superior Público e o papel da Instituição na construção dessa experiência. Será realizada uma pesquisa de estudo de caso em duas Instituições Públicas de Ensino Superior, no Vale do Paraíba. Trata-se de uma pesquisa exploratória, que será realizada por meio de abordagem qualitativa. Serão realizadas entrevistas semi-estruturadas aos alunos que passaram pela experiência de mobilidade acadêmica internacional e também aos gestores institucionais envolvidos com os processos de mobilidade acadêmica.(transcrito do projeto)

Objetivo da Pesquisa:

Analisar a experiência de mobilidade internacional de alunos do Ensino Superior Público e o papel da Instituição na construção dessa experiência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atende as recomendações da Resolução 466/12 e as normas operacionais 01/13.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Tema relevante para a área de estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Atende as recomendações da Resolução 466/12 e as normas operacionais 01/13.

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 709.768

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Atendida a solicitação do parecer anterior.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião de 04/07/2014, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 466/12, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

TAUBATE, 04 de Julho de 2014

Assinado por:
Maria Dolores Alves Cocco
(Coordenador)

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br